



RODRIGO POSSA

**TREINAMENTO DE LIDERANÇA AUTÓCTONE  
COMO ESTRATÉGIA DE EVANGELIZAÇÃO  
DOS POVOS**

IJUÍ-RS  
2017

RODRIGO POSSA

**TREINAMENTO DE LIDERANÇA AUTÓCTONE COMO  
ESTRATÉGIA DE EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS**

Monografia apresentada para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do Curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Marivete Zaroni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ-RS  
2017

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**TREINAMENTO DE LIDERANÇA AUTÓCTONE COMO  
ESTRATÉGIA DE EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS**

\_\_\_\_\_  
Autor(a): **Rodrigo Possa**

\_\_\_\_\_  
Orientador(a) de Conteúdo: **Dr. Vanderlei Schach**

\_\_\_\_\_  
Avaliador(a) de Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

\_\_\_\_\_  
Avaliador(a) de Português: **Esp. Luciano Gonçalves Soares**

\_\_\_\_\_  
Avaliador(a) Final:

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
2017

## **RESUMO**

Esta obra buscou demonstrar a importância da formação de liderança autóctone no trabalho missionário emergente. Para isso, o autor utilizou de estudos históricos, bíblicos e também da prática dos princípios autóctones. A pesquisa abordou historicamente como a missão estava ligada ao colonialismo e quais as consequências desta ligação para a perspectiva missionária de hoje. Como Paulo procedia em relação à liderança das igrejas plantadas por ele e quais os princípios e estratégias utilizadas por ele. Também pesquisou-se como os missionários, missiólogos e organizações missionárias mais atuais aderiram ou abordaram os princípios autóctones e missionários do apóstolo Paulo.

**Palavras-chave:** Treinamento, Liderança, Autóctone, Missões, Estratégia

## SUMÁRIO

<b>I - DO COLONIALISMO À CONTEMPORANEIDADE DA MISSÃO CRISTÃ: ABORDAGEM HISTÓRICA .....</b>	<b>8</b>
1.1 Colonialismo e missão .....	8
1.1.1 Definição de colonialismo .....	8
1.1.2 Colonialismo e a Missão Cristã do século XVI -XVIII .....	9
1.2 Herança do conceito e perspectiva estratégica das missões cristã do século XVI.....	12
1.2.1 Definição de missão e missões .....	12
1.2.2 Herança cristã do século XVI ao XVIII .....	16
1.3 Indigenização/Contextualização missionária como estratégia das Missões Cristã.....	20
1.3.1 Definição dos termos .....	20
1.3.2 Descolonizando as missões cristãs.....	21
<b>II - ESTRATÉGIA MISSIONARIA DO APÓSTOLO PAULO.....</b>	<b>26</b>
2.1 Paulo e a missão autóctone .....	26
2.2 Paulo e o plantio de igrejas.....	29
2.3 Paulo e a formação de liderança .....	32
<b>III - A FORMAÇÃO E PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS AUTÓCTONES.....</b>	<b>36</b>
3.1 Estratégias protestantes pioneiras .....	36
3.1.1 John Elliot (1604-1690) .....	36
3.1.2 Os Morávios (1732) .....	37
3.1.3 Willian Taylor Carey (1761-1834) .....	38
3.2 Estratégias Autóctones .....	40
3.2.1 Henry Venn (1796-1873) / Rufus Anderson (1796-1880) .....	40
3.2.2 John Livingstone Nevius (1829-1893) .....	42
3.2.3 Roland Allen (1868-1947) .....	43
3.2.4 Alan Tippett (1911-1988).....	44
3.3 Estratégias cristã do século XX-XXI .....	45
3.3.1 HAGGAI (1969) .....	45
3.3.2 Ramesh Richard Evangelism and Church Health (REACH-1987) .....	46
3.3.3 Heart Cry Missionary Society (1988) .....	47
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse do autor por missões e ensino teológico o deixavam dividido entre uma ou outra possibilidade de Ministério. Mas, após observar uma atitude do professor, Dr Antônio Renato Gusso, em que ele dedicava suas férias a fim de servir como voluntário no ensino teológico do Seminário Batista de Moçambique, África, levou o aluno perceber que podia juntar os dois ministérios em um só: fazer missões e ensinar. Isto despertou no aluno interesse em buscar conhecimento para realizar o preparo de líderes eclesiais em lugares com pouca ou nenhuma oportunidade de ensino e também em seu próprio país, Brasil. Viver esse ministério e incentivar outros a fazerem o mesmo. Por estas razões e para incentivar a prioridade estratégica de treinamento de líderes surgiu o interesse de realizar a pesquisa.

Ramesh Richard, em seu artigo *Training of Pastors: A High priority for Global ministry strategy*, apresenta algumas realidades globais em relação à estratégia de suprimento de líderes ministeriais. Segundo o autor, há no mundo aproximadamente 7,25 bilhões de habitantes a partir do ano de 2015, sendo que cerca de 2,3 bilhões são autônomos cristãos. São identificados com o “senso” cristão, ou seja, são as pessoas que se identificam com a fé cristã e escolhem o “cristianismo como sua religião.” Destes cristãos, mais de 2,2 milhões são líderes pastorais (3,4 milhões, por algumas suposições) que atuam no ministério. Porém, apenas 5% deles são capacitados para o “ministério pastoral”, segundo o Centro para Estudos do Cristianismo Global.<sup>1</sup>

Sendo assim, constata-se que acima de 2 milhões de líderes pastorais necessitam de treinamento. Além do mais, a Comissão Teológica de WEA estima um crescimento de 50.000 novos crentes batizados por dia. De maneira que se um líder fornecer discipulado e cuidado pastoral a cada 50 pessoas, ter-se-á a necessidade de 1.000 novos pastores por dia. Além disso, a Aliança Global da Multiplicação de Igrejas estimava 5 milhões de novas igrejas sendo plantadas até 2020, mas logo no início dos esforços já calcularam uma falha de 70%.<sup>2</sup> A pergunta que fica é: qual a importância do preparo de líderes autóctones para a evangelização dos povos e para a plantação de igrejas?

Atualmente esforços são feitos para criar uma estratégia. Um deles foi o Congresso Mundial de Líderes, realizado de 15 a 22 de junho de 2016, em Bangkok, Tailândia, sendo um dos focos da reunião a formação formal ou informal de pastores.<sup>3</sup> No entanto, com tudo o que

---

<sup>1</sup> RICHARD, Ramesh. **Training of Pastors**: a high priority for global ministry strategy. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/content/lga/2015-09/training-of-pastors>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

<sup>2</sup> RICHARD, <<https://www.lausanne.org/content/lga/2015-09/training-of-pastors>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

<sup>3</sup> RICHARD, <<https://www.lausanne.org/content/lga/2015-09/training-of-pastors>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

está acontecendo, o autor percebeu que esta pesquisa de graduação talvez possa ajudar neste diálogo tão atual e que diz respeito a todos os cristãos.

O que se pode ver é que a forma tradicional de entender a missão e fé cristã no mundo moderno não consegue mais ser suficiente para os desafios no mundo. Existe uma falta de liderança tremenda e talvez é preciso reconstruir o significado e a prática de missões às necessidades da Igreja Cristã atual.<sup>4</sup> Este, no entanto, é um dos problemas secundários que se apresenta.

Destacam-se duas formas de fazer missão: missão transcultural (fora de sua cultura e cosmovisão) e missão intracultural (dentro de sua cultura e cosmovisão), que nesta obra será abordada como missão autóctone. Missões transculturais é a forma tradicional de se fazer missões, e é muito importante para a obra missionária. No entanto, nesta pesquisa o autor enfatizará a importância da missão intracultural, ou seja, missão autóctone. Demonstra-se também que uma forma de missão não exclui a outra; o foco maior será em demonstrar a importância da missão autóctone (intracultural).

Entende-se por missão autóctone aquela que dá ênfase a missionários nativos para trabalharem dentro de seu próprio país e cosmovisão. Igrejas autóctones, serão tratadas por igrejas como tendo membros que desenvolvem as verdades morais, sociais e espirituais do cristianismo bíblico de maneira relevante aos “padrões da sociedade local. Para esta igreja, “qualquer transformação dessa sociedade vem de suas necessidades sentidas sob a orientação do Espírito Santo e das Escrituras.”<sup>5</sup> Por liderança autóctone, entende-se aquela que atua dentro de seu lugar de origem, seu próprio povo e cosmovisão. São líderes nativos. Isso reduz o “choque cultural, os custos de sustento entre obreiros e o prazo para a igreja alcançar autonomia financeira”.<sup>6</sup>

Portanto, esta pesquisa buscará, de forma singela, demonstrar no primeiro capítulo, que houve pouca valorização da liderança autóctone durante os séculos passados, causadora da falta de líderes em esfera mundial. A obra defenderá a importância da formação de lideranças autóctones para a evangelização dos povos. Além disso, o autor mostrará as vantagens que os líderes autóctones apresentam às missões. Para isso, também precisar-se-á voltar alguns séculos de história, e caminhar através dos anos, buscando entender como a formação de liderança e o conceito de missão e missões foram desenvolvidos.

<sup>4</sup> SUNG, Jung Mo. **Missão e educação teológica**. São Paulo: Aste, 2011, p. 10-11.

<sup>5</sup> SMALLEY, Willian. **Implicações culturais em uma igreja autóctone**. In: WINTER, Ralpf D.; HAWTHORNE, Steven C. **Missões transculturais**. São Paulo: Mundo Cristão, p. 603.

<sup>6</sup> BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 princípios para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 110.

A partir do segundo capítulo, será abordada a estratégia do apóstolo Paulo na formação de líderes autóctones. Trata-se de uma análise bíblica. Neste capítulo serão citadas as igrejas de Antioquia, Corinto e Éfeso, bem com princípios e estratégias usados pelo apóstolo em relação a missão, plantação de igreja e formação de liderança autóctone nestas igrejas e sua circunvizinhança. Demonstra-se que o apóstolo Paulo plantava igrejas e se valia da formação de lideranças autóctones, pois instituía líderes o mais rápido possível, com a finalidade de seguir a obra missionária a outra área geográfica.

Por fim, o terceiro capítulo apresentará exemplos práticos, através de um panorama da formação dos princípios autóctones, bem como a prática destes pelos missionários protestantes pioneiros, pela estratégia autóctone de missões e também pelas organizações missionárias dos dias de hoje. Serão abordados grandes missionários, como John Eliot, os morávios e Willian Taylor Carey. Também grandes missiologos, como Hery Venn, Rufus Anderson, John Livingstone Nevius, Roland Allen e Alan Tippett. E importantes organizações missionárias, como HAGGAI, RREACH, Heart Cry.

# I - DO COLONIALISMO À CONTEMPORANEIDADE DA MISSÃO CRISTÃ: ABORDAGEM HISTÓRICA

## 1.1 Colonialismo e missão

Será abordado nesta parte um plano de fundo, para definir como a missão cristã do século XVI à XVII e o colonialismo estavam tão ligados, a ponto de significarem a mesma atividade. Colonizar era fazer missão e fazer missão era colonizar. Este envolvimento e aceitação das práticas coloniais por muitos cristãos e missionários da época fez com que a missão cristã se tornasse imperial e etnocêntrica.

### 1.1.1 Definição de colonialismo

De acordo com a definição clássica, “colonialismo pode ser uma submissão especialmente econômica e social embora em certas ocasiões também territorial, de um país dominante sobre um povo estrangeiro.”<sup>7</sup> Isto significa a subjugação de um povo sobre outro, através de domínio cultural, militar e econômico.

Esta ideia está de acordo com as autoras Domingues e Leite, que em sua obra defendem que a colonização era determinada pela ordem da conquista, “ocupação e exploração de novos e proveitosos espaços geográficos.” Todos os meios eram empregados, desde contrabando, guerras e invasões até assassinatos em massa.<sup>8</sup>

Segundo o Tenente-General Eduardo Eugénio Silvestre dos Santos, o colonialismo foi o envio e “o estabelecimento de colonos num país estrangeiro, com uma ligação política ou religiosa.” Também chamada “colonização-migração”, foi, no entanto, uma forma de expansão demográfica, que podemos chamar de colonização.<sup>9</sup>

De acordo com o professor Felipe de Araújo, formado em comunicação social, existem duas formas de colonização: exploração e povoamento. Em uma, são retirados a matéria prima e minerais para serem vendidos pelos colonizadores. No outro, desenvolver-se o local conquistado, através da criação de leis e investimentos na infraestrutura. A maneira mais popular de colonialismo é a de cobiça capitalista. Ela ocorre quando “um país explora os recursos naturais de outro para crescer economicamente”. Foi o que aconteceu na colonização

---

<sup>7</sup> **COLONIALISMO - Conceito, o que é, significado.** Disponível em: <<https://conceitos.com/colonialismo/>>. Acesso em: 24.mar. 2017

<sup>8</sup> DOMINGUES, Joelza Ester; LEITE, Layla Paranhos. **Brasil Colônia e Império: uma perspectiva histórica.** v.1. São Paulo: FTD, 19-?, V.1. p. 42.

<sup>9</sup> SANTOS, Eduardo Eugénio Silvestre. **Colonialismo e Imperialismo,** Lisboa, Abr de 2015. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/1015>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

espanhola e portuguesa, onde os colonizadores exploraram e mataram os moradores locais e determinaram-se donos do local ‘descoberto’.<sup>10</sup>

O colonialismo também pode ser considerado uma forma de imperialismo, por haver nele a característica de gerar dependência nas relações entre povos menos desenvolvidos a estrangeiros de mais alta situação cultural.<sup>11</sup> Para Sousa Lara, o imperialismo é o prolongamento de um império para um local que não fazia parte do seu comando. Sendo assim, torna-se indispensável a disseminação da força militar e posteriormente estruturas políticas, econômicas, jurídicas e sociais do império para os novos locais conquistados.<sup>12</sup>

Andrew Heywood define o imperialismo como “a política de alargar o poder ou a autoridade de um Estado para além das suas fronteiras”.<sup>13</sup> A principal característica do imperialismo está na desigualdade nas relações estabelecidas entre império e colônias. Estas relações não são recíprocas, e acabavam visando apenas aos interesses do Império.<sup>14</sup> Portanto, podemos definir o colonialismo como um termo carregado de erros herdados do imperialismo.<sup>15</sup>

Como se vê, o colonialismo foi a obtenção e o domínio sobre colônias, enviando colonos para esta tarefa. Vários autores consideram o colonialismo como uma forma de domínio que não leva em consideração a cultura do povo dominado, muito menos das pessoas do lugar e suas necessidades. É um termo carregado pela influência do sistema capitalista comercial e do imperialismo, onde se busca balança comercial favorável, expansão comercial e acúmulo de bens, às custas da exploração, ocupação de terras e imposição da cultura, política, economia e religião nos territórios explorados. Forma-se, assim, o sistema colonial, que “tinha no *escravo*, sua principal força de trabalho e no *tráfico negreiro* uma de suas mais importantes fontes de renda.”<sup>16</sup>

### 1.1.2 Colonialismo e a Missão Cristã do século XVI -XVIII

O período de crise mercantil teve início no século XI, e posteriormente tornou a piorar no séculos XIV e XV.<sup>17</sup> Com o comércio de produtos dominado pelos italianos<sup>18</sup>, e a falta de matéria-prima para competitividade comercial, as expansões pelos oceanos foram a única saída

<sup>10</sup> ARAUJO, Felipe. **Colonialismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/história/colonialismo/>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

<sup>11</sup> ENCICLOPÉDIA. **Mirador Internacional**. São Paulo: 1976, p. 2608.

<sup>12</sup> LARA, António de Sousa. **Imperialismo, descolonização, subversão e dependência**. Lisboa: ISCSP, 2002, p. 15.

<sup>13</sup> HEYWOOD, Andrew. **Key concepts in politics**. Palgrave: Bristol, 2000, p. 245.

<sup>14</sup> SANTOS, Disponível em: < <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1015>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>15</sup> SANTOS, Disponível em: < <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1015> >. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>16</sup> DOMINGUES; LEITE, 19--?, p. 52.

<sup>17</sup> DOMINGUES, LEITE, 19--?, p. 23,24.

<sup>18</sup> DOMINGUES, LEITE, 19--?, p. 35.

encontrada para solucionar os conflitos econômicos da transição do período do feudalismo para o capitalismo.<sup>19</sup> Com a expansão marítima, considerada a “continuação moderna das cruzadas”<sup>20</sup>, fez-se o envio de “colonos europeus para a América e para África, conhecida como “colonização”. Esta, por sua vez, foi definida principalmente por sua “atitude de superioridade da parte dos recém-chegados para com as populações nativas”.<sup>21</sup>

Apesar das cruzadas falharem, sua mentalidade permaneceu.<sup>22</sup> Seus interesses persistiram no colonialismo com os mesmos objetivos de conquistar territórios, riquezas e espalhar a fé cristã. No entanto, a ideia colonialista é muito antiga, inclusive anterior à era cristã. Certamente, dentro da ideia mais moderna, está vinculada à expansão das nações cristãs no mundo ocidental. Nesta época ligava-se o colonialismo ao termo “missão”, que também significava o domínio das terras e subjugação de quem morava nelas. “O rei fazia missão à medida que colonizava”, pois o direito de possuir colônias, trazia também o compromisso de cristianizá-las.<sup>23</sup>

O colonialismo ocorreu e se desenvolveu por decorrência das expansões europeias dos séculos XVI a XX.<sup>24</sup> As descobertas foram feitas especialmente pelos italianos, portugueses e espanhóis, e depois holandeses, franceses, inglês e dinamarqueses (dentre outros) também começaram com as conquistas de terras e obtenção de sua matéria-prima. Cristóvão Colombo alcançou as Bahamas. Pedro Álvares Cabral “descobriu o Brasil em 1500”. Hernan Cortez chegou ao México no ano de 1519. E Francisco Pizarro saiu do “atual Panamá até o litoral peruano em 1531, conquistando o território inca”.<sup>25</sup>

Em todos os envios os líderes militares levavam representantes religiosos, com o intuito de cristianizar aqueles que seriam escravizados e submetidos. Grande parte das evangelizações consistia na imposição de “novos ritos religiosos”, que eram pouco explicados para os povos nativos. A “pseudo-evangelização, gerou uma “religiosidade superficial”, o que acarretou em um “sincretismo religioso”.<sup>26</sup>

Em um dos casos do colonialismo, o rei D. João III escreveu ao governante do Brasil, Tomé de Sousa: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se

<sup>19</sup> DOMINGUES, LEITE, 19--?, p. 23.

<sup>20</sup> BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Kornörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 279.

<sup>21</sup> SANTOS, Disponível em: < <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1015> >. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>22</sup> BOSCH, 2002, p. 279.

<sup>23</sup> BOSCH, 2002, p. 366-367.

<sup>24</sup> ENCICLOPÉDIA, 1976, p. 2609.

<sup>25</sup> EKSTRÖM, Bertil. **História da missão**: um guia de estudo da história missionária. Londrina: Descoberta, 2001. p. 53-54.

<sup>26</sup> EKSTRÖM, 2001, p. 54.

convertesse à nossa fé católica”. Importava expandir a fronteira, ocupar novos territórios e reduzir as pessoas ao “mundo português”, onde as conquistas davam-se pelo “Padroado”, ou seja, através dos padres religiosos e seculares, que na época deviam obediência aos poderes portugueses. Entre as consequências dos feitos, era de que a quantidade de missionários decorria da necessidade da “expansão colonial”; os missionários moravam na propriedade real; e também o “chefe da igreja” era o rei.<sup>27</sup>

O padroado funcionava como um “esquema financeiro”, pelo qual pegava dízimos dos povos nativos e “retornavam as redizimas” para sustentar o culto nativo. Hoornaert define o sistema como “roubo institucionalizado”, onde o dízimo faz trajeto inverso. O movimento mais ativo foi o jesuítico, que chegou no Brasil em 1549, em Salvador, com Manuel da Nóbrega e cinco jovens da Companhia de Jesus. A Companhia conseguiu obter 474 religiosos. Pretendiam criar uma “nova cristandade no Brasil a partir dos famosos colégios e aldeamentos e através de iniciativas de formar entre os indígenas uma igreja *brasílica*”.<sup>28</sup> Boa iniciativa e esforços, mas acabou não acontecendo.

Este objetivo ia contra o plano colonial, de saquear as riquezas para o reino, pois estas riquezas seriam conquistadas pela “*mão de obra* indígena escravizada”. Desde o início, escravização e missão tiveram que viver de maneira associada.<sup>29</sup> Muitos missionários se corromperam e passaram a fazer parte do sistema colonial. Mas muitos outros lutaram pelos direitos dos nativos. Portanto, surgiram conflitos entre a vontade dos colonos e a dos missionários. Para a colonização, os missionários foram muito úteis, pois eram mais eficientes do que os bandeirantes.<sup>30</sup> Entre muitos dos que defenderam os indígenas, do lado protestante, destaca-se Bartolomeu de las Casas (1484 a 1556). Ele se opôs fortemente à escravatura e aos “maus tratos” impostos aos indígenas pelos colonizadores.<sup>31</sup>

A motivação ideológica do colonialismo era a expansão da fé cristã, tendo a “cristianização como objetivo declarado da colonização”.<sup>32</sup> Dizia-se que havia o “direito de cuidar dos nativos e suas terras”. Pode-se perceber que o cuidado dos nativos não era o maior interesse das nações colonialistas, nem mesmo expandir a fé cristã. Enquanto alguns catequizavam, outros exploravam.<sup>33</sup> Este acontecimento histórico refletiu em sérias

<sup>27</sup> FILHO, Fernando Bartollete. **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: Aste, 2008, p. 559.

<sup>28</sup> FILHO, 2008, p. 559.

<sup>29</sup> FILHO, 2008, p. 559.

<sup>30</sup> FILHO, 2008, p. 559.

<sup>31</sup> EKSTRÖM, 2001, p. 55.

<sup>32</sup> ENCICLOPÉDIA, 1976, p. 2610.

<sup>33</sup> LEVINSKI, Gabriel Garcia. **Colonialismo e Neocolonialismo**. Disponível em: <<http://portaldeentendimento.blogspot.com.br/2011/09/colonialismo-e-neocolonialismo.html>>. Acesso em 27 mar. 2017.

consequências às nacionalidades dos continentes. Contudo, pode-se concluir que o colonialismo contribuiu para uma série de consequências negativas à população e à cultura nativa.

Algumas das consequências são o grande “acúmulo de metais preciosos na Europa Ocidental”; “destruição de sociedades nativas e saque de sua riqueza”; “difusão de cultura de outros continentes”; “europeização do mundo” causando a perda da identidade das culturas Locais;<sup>34</sup>

## 1.2 Herança do conceito e perspectiva estratégica das missões cristã do século XVI

Neste ponto desenvolver-se-á a ideia de que a missão cristã herdou certas características das expansões ibéricas, que agregaram a si um cristianismo imperial, etnocêntrico. Não só por isto, mas também pela influência do pietismo, puritanismo e um pouco do iluminismo, as práticas missionárias cristãs foram realizadas com os olhos das missões do século XVI. E, conscientes ou não, algumas missões cristãs, movimentos, instituições e igrejas do século XXI continuam funcionando de modo colonial.

### 1.2.1 Definição de missão e missões

Segundo David J. Bosch, em seu livro *Missão Transformadora*, (2002), o termo “missão” foi atribuído ao envio de “agentes eclesiais” (missionários) a colônias longínquas. Estes termos foram usados pela primeira vez com esse significado pelo jesuíta Inácio de Loyola, no século XVI. Até aqui, Bosch emprega à palavra “missão” a definição geralmente admitida, que é o proclamar do Evangelho a pessoas que ainda não o professaram. Esta definição vem do latim *missio* e era usada na doutrina da Trindade, a fim de expressar “o envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho”.<sup>35</sup>

No decorrer de quinze séculos, a igreja usou vários termos para se referir àquilo que hoje se nomeia “missão”. A igreja usava expressões tais como: “propagação da fé”, “pregação do Evangelho”, “proclamação apostólica”, “promulgação do Evangelho”, “estender a fé”, “expandir a igreja”, “implantar a igreja”, “propagação do reinado de Cristo” e “iluminar as nações”.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> **QUADRO comparativo entre o colonialismo do século XV e XVI e o neocolonialismo do século XIX.** Disponível em: <<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/ctpmbarbacena/07022017075915453.pdf>>. Acesso em 27 mar. 2017.

<sup>35</sup> BOSCH, 2002, p. 280-281.

<sup>36</sup> BOSCH, 2002, p. 281.

Substituindo tais expressões, o termo “missão” refere-se historicamente ao período colonial do século XVI. O termo dá a entender uma igreja europeia que envia alguém com a incumbência de converter povos além do mar, fato que estava agregado à expansão marítima europeia. Portanto, nesta época, “missão” referia-se às ações pelas quais o “sistema eclesialístico do Ocidente” se divulgava ao restante do mundo.<sup>37</sup>

Geralmente quando se pensa em missão, as primeiras coisas que vêm à mente são “campo missionário”, que normalmente significa países estrangeiros, mas não aqui em nossa pátria.”<sup>38</sup> Também “associações missionárias”, em “missões de evangelização e plantação de igrejas”, nos “missionários de longo ou curto prazo”, que são enviados para outro país com cultura diferente, para anunciar as boas novas da salvação a pessoas que nunca ouviram o Evangelho de Cristo. Em todas estas áreas tem-se a ideia de “enviar ou ser enviado”.<sup>39</sup> Sabe-se que Deus é um Deus que envia, e pode-se observar a ação de enviar em várias passagens bíblicas. Porém, enviados para onde? Enviados para que?

Esta é uma maneira ocidental de enxergar, identificada também em outras partes do mundo. Portanto, quando se reflete seriamente sobre o assunto, enxerga-se a realidade: Conforme Wright, o “campo missionário está em toda parte, inclusive em nossa própria rua - em qualquer lugar que se vê ignorância ou rejeição do evangelho de Jesus Cristo”.<sup>40</sup>

Analzira Nascimento, citando Hope Antônio, defende que “a palavra missão precisa ser retirada do vocabulário cristão”. A razão disso é que o termo “missão” não somente carrega consigo uma grande conotação negativa (estendendo-se desde sua cumplicidade com o colonialismo até sua postura agressiva junto à de outra fé).<sup>41</sup> Analzira não quer dizer aqui que não se deve fazer missões. Ela defende que a palavra missão traz consigo a ideia do cristianismo das expansões marítimas, com caráter agressivo de imposição.

Considerando estes fatos, precisa-se buscar uma definição para a palavra “missão”, que responda ao real sentido com o qual se deve este termo. Christopher J. H. Wright, em suas obras *A missão de Deus e A missão do povo de Deus*, deixa clara a sua discordância pela forma como a palavra “missão” é empregada hoje, demonstrando insatisfação no uso de alguns textos para afirmar o ir, ou enviar alguém. Dentre estes, a maioria das pessoas conhecem bem “textos-

<sup>37</sup> BOSH, 2002, p. 281.

<sup>38</sup> WRIGHT, **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 34.

<sup>39</sup> WRIGHT, 2012<sup>a</sup>, p. 30.

<sup>40</sup> WRIGHT, 2012<sup>a</sup>, p. 34.

<sup>41</sup> NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Ultmato, 2015, p. 34.

chaves” como: ‘Portanto, ide, fazei discípulos...’ “como ouvirão...?” “Sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra”. “Quem irá por nós [...] Aqui estou eu, envia-me”.<sup>42</sup>

Para Wright, a missão primeiramente é de Deus. Ela não tem apenas base bíblica, mas é a própria base que norteia toda a Bíblia. Sendo assim, a missão não trata apenas de um atividade da Bíblia, mas trata-se da “essência da Bíblia.”<sup>43</sup> O autor defende que a missão de Deus começou antes da participação cristã nela, portanto menciona que missão

designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história do mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus. Nossa missão flui da missão de Deus e dela participa.<sup>44</sup>

Portanto, para Wright, missão é “tudo o que Deus está fazendo e seu grande propósito para toda a criação e em tudo que ele nos chama a fazer para fazer com esse propósito.”<sup>45</sup> Deus tem um objetivo, um alvo. Paulo chama-o de ‘todo o propósito de Deus’ (At 20.27; cf. Ef 1.9,10). Deus não tem um propósito ou uma missão para a igreja, mas uma igreja para a missão no mundo.<sup>46</sup>

De forma geral, Wright define missão como tudo que envolve “**um propósito ou alvo de longo prazo que deve ser alcançado por meio de objetivos próximos e ações planejadas**” (Grifo do autor).<sup>47</sup> “Nossa missão é sermos ‘pessoas-evangelho’.”<sup>48</sup> Todos são enviados por Deus a algum tipo de tarefa, que não trata especificamente de um território geográfico, mas de tarefas segundo a vontade e ordens de Deus em seu grandioso plano geral.<sup>49</sup>

Esta ideia é “uma expressão de raiz latina começou a ser usada a partir de 1932, na conferência missionária de Brandemburgo, Alemanha.” O termo empregado é “Missio Dei”, que significa a missão de Deus.<sup>50</sup> Com isto, o conceito de missão “foi ampliado como a Trindade enviando a igreja para dentro do mundo.” Agora, certamente a ideia é de que o “protagonista da missão não é mais a agência missionária, a igreja local ou o missionário, mas o próprio Deus.”<sup>51</sup>

Para diferenciar missão de missões, cita-se o autor Tomé A. Fernandes, obreiro da Junta de Missões Mundiais da Junta Batista Brasileira, no sul da Ásia desde 1992. O mesmo

<sup>42</sup> Wright, **A Missão de Deus**. Desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2012, 20 p.

<sup>43</sup> WRIGHT, 2012b, p. 20.

<sup>44</sup> WRIGHT, 2012b, p. 20.

<sup>45</sup> WRIGHT, 2012a, p. 32.

<sup>46</sup> WRIGHT, 2012a, p. 30.

<sup>47</sup> WRIGHT, 2012b, p. 21.

<sup>48</sup> WRIGHT, 2012a, p. 240.

<sup>49</sup> WRIGHT, 2012<sup>a</sup>, p. 264.

<sup>50</sup> FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões**: Rio de Janeiro: UFMBB, 2014, p. 14.

<sup>51</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 123

define “missão” como “plano de Deus na História”. Por outro lado, “missões” refere-se “aos passos específicos que o cristão e, especialmente, as igrejas tomam para cumprir os propósitos de Deus em outras comunidades culturais, sociais, religiosas, povos ainda não alcançados e regiões do globo com pouca densidade do reino.” Para ele, a “missão de Deus é o referencial para missões.”<sup>52</sup>

Segundo Fernandes, existem confusões e distorções que precisam ser confrontadas ao ponto de vista bíblico. Estes equívocos são obstáculos para o andamento do plano de Deus, também um “reducionismo trágico e histórico da missão integral da Igreja.” Pode-se, portanto, correr o risco de apenas preocupar-se com atos missionários da “Jerusalém e Samaria”, desta forma esquecendo a “Judeia e os confins da terra”. Precisa-se lembrar que a incumbência de Atos 1.8 é de “simultaneidade”, ou seja, todas estas áreas geográficas ao mesmo tempo. Este é um erro que precisa ser corrigido pelas Igrejas e líderes.<sup>53</sup> Da mesma forma, corre-se o risco de preocupar-se somente com a Judeia e os confins da terra, e esquecer-se de Jerusalém e Samaria, onde é a própria pátria.

Segundo Fernandes, pode-se esquecer da “dimensão étnica de missões”. Existem muitos grupos étnicos, dentro da área de um país. Nesse ponto de vista, é necessário estar

envolvidos com a globalidade do plano mundial da redenção de Deus quando incluímos a missão intracultural e transcultural em nossa ação missionária. Intracultural é a prática missionária dentro de nossa própria cultura e cosmovisão. O ministério transcultural é o esforço de cumprir o mandato de Cristo em um grupo humano cultural e religioso distinto onde a Igreja missionária está.<sup>54</sup>

Segundo David Bosch, é extremamente difícil definir missão. Para ele, a definição de “missão é um processo de peneira, testa, reformula e descarta. Isso significa que se deve entender a missão como uma atividade que transforma a realidade e, simultaneamente, que existe uma necessidade constante de a própria missão se transformar”.<sup>55</sup> Se a missão da igreja é fazer o que Deus está fazendo no mundo, precisa-se então, buscar saber o que Deus está fazendo no mundo, e transformar-se para então participar da missão.<sup>56</sup>

Por fim, pode-se ver que a missão é de Deus, enquanto que missões são as participações dos cristãos na missão de Deus. São propósitos ou alvos que precisam ser alcançados através de objetivos e atos planejados e que podem transformar-se com o passar do tempo. Missões podem ser intracultural e transcultural, ou seja, dentro da própria pátria, ou em

<sup>52</sup> FERNANDES, 2014, p. 30.

<sup>53</sup> FERNANDES, 2014, p. 29.

<sup>54</sup> FERNANDES, 2014, p. 30.

<sup>55</sup> BOSCH, 2002, p. 609.

<sup>56</sup> BOSCH, 2002, p. 609.

outros países. Portanto, missão não é apenas o envio de missionários a lugares longes, como era concebida no século XVI. Assim com o Pai e o Espírito enviaram o Filho, agora os três (Trindade) enviam a Igreja ao mundo. Desta forma, Deus envia pessoas a outro continente, claro, mas envia pessoas a seu próprio continente, cidade, bairro, ou até mesmo na própria casa.

### 1.2.2 Herança cristã do século XVI ao XVIII

A Ortodoxia e a Reforma realizaram poucas missões “distantes”, no período de XVI e XVII, nem sequer os reformadores e seus sucessores a fizeram. Isso porque os povos que representavam os não-cristãos eram os judeus e turcos. Os teólogos luteranos depois constataram erroneamente, é claro, que os apóstolos já haviam cumprido o mandato de gerar discípulos.<sup>57</sup>

Há críticas aos Reformadores por não “possuírem uma visão missionária maior”, por não se interessarem a espalhar a fé ao restante do mundo. Porém, seria errôneo dizer que não houve tentativas. Coligny e Calvino, protestantes franceses, esforçaram-se para fundar colônias nas Américas, com o intuito de converter os pagãos. Nesta época, alguns motivos para o desinteresse missionário entre os protestantes são a “compreensão dos limites da Igreja – cada paróquia em seu território”; “batalha militar e política na Europa”; a “rejeição do monasticismo – ficando sem estrutura missionária” e também a “preocupação com a reforma em si”.<sup>58</sup>

Sendo assim, as missões protestantes interiores e exteriores desenvolveram-se apenas com o início das “sociedades religiosas” da Grã-Bretanha, relacionadas ao metodismo, pietismo e aos avivamentos. Nessas mobilizações, motivadas pelas mudanças geográficas, políticas, econômicas e religiosas, que acompanharam as expansões exploradoras e foram algumas das causas da Reforma,<sup>59</sup> deixa-se as práticas de “espírito comunitário em pequenos grupos” eclesiásticos e culturais, para cuidar dos excluídos sociais, e “levar a salvação” aos pagãos da África, Índia e das Antilhas. “O mundo é minha paróquia”, diziam John Wesley (1703-1791) e Conde Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf (1700-1760).<sup>60</sup>

Na década em que acontecia a Revolução Francesa (1789), surgiu um desabrochar com a formação de inúmeras sociedades missionárias, dentre elas a “Batista (Inglaterra), em 1792”; de “Londres, em 1795”; “Holandesa, em 1797”; “Anglicana, em 1799”; nos “EUA (American Board), em 1810”; “Batista (EUA), em 1814”; “Basiléia (Alemanha), em 1815”; “Dinamarca,

<sup>57</sup> GISEL, Pierre. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. Trad. Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1180.

<sup>58</sup> EKSTRÖM, 2001, p. 49.

<sup>59</sup> EKSTRÖM, 2001, p. 46.

<sup>60</sup> GISEL, 2016, p. 1180-1181.

em 1821”; e a da “Suécia, em 1835”<sup>61</sup>. O início dessa ideia “missionária protestante” resulta dos aspectos dos séculos XVI e XVII: das “descobertas”, “redes de comunicação”, “desenvolvimento da ideia de humanidade” perante a influência do Iluminismo e romantismo, a “expansão europeia” e também o pietismo criando “a esperança de tempos melhores”.<sup>62</sup>

Pode-se perceber que as primeiras realizações missionárias holandesas, suíças e inglesas tiveram início por força de razões apocalípticas e escatológicas. Declarou-se que “reinava o anticristo” na Europa. E que as perturbações da guerra de Napoleão eram castigo, ou sinais do fim. Desta forma justifica-se a ideia de estender o Reino até os não cristãos. No primeiro “envio às igrejas e diversas sociedades”, pela Missão Evangélicas de Paris, o objetivo da associação era definido desta forma:<sup>63</sup>

Ainda que cuide das necessidades de suas igrejas associadas, devem buscar, acima de tudo, o progresso da pura religião do evangelho em seu país natal, os protestantes da França não negligenciem a tarefa de participar dos esforços sinceros de irmãos de outros locais, associados a diversos setores da grande família dos cristão evangélicos, para propagar a luz do evangelho e estender o reino de nosso divino Redentor.<sup>64</sup>

Aqui, esperança cristã, apostolado e “apocalipse político” estão em contato. Estes fatos incitam a burguesia, bem com a expansão que andou junto à ideologia. Outra predisposição missionária, foi o fator econômico da época. A dificuldade para adaptação agrária, que não permite sustento de famílias grandes, e a industrialização que intimida as esferas artesanais, ou seja, a transição do feudalismo para o capitalismo, causam agrupamentos e migração religiosa.<sup>65</sup>

Assim, missionários “exportam a estrutura de seus vilarejos de origem” junto com seus valores de moralidade do puritanismo ou do pietismo, que ajudam para níveis melhores, tanto social, espiritual como moral dos alvos missionários. A expansão europeia e do cristianismo andam juntas. Com alvo de colonização, o cristianismo afasta-se das províncias, expandindo-se em direção a um universalismo de âmbito conquistador. Desta forma, a “cristandade latina (e, algum tempo depois, germânica) considera missão divina civilizar os bárbaros da América Latina, da África e da Ásia.”<sup>66</sup>

Nesta questão, David Bosch afirma que o empreendimento missionário moderno está tão contaminado com a origem no colonialismo, que é irreparável. Segundo o autor, precisa-se buscar um modelo novo, que deixe de ser um atributo da universalidade do imperialismo

---

<sup>61</sup> EKSTRÖM, 2001, p. 69.

<sup>62</sup> GISEL, 2016, p. 1181.

<sup>63</sup> GISEL, 2016, p. 1181.

<sup>64</sup> GISEL, 2016, p. 1181.

<sup>65</sup> GISEL, 2016, p. 1181.

<sup>66</sup> GISEL, 2016, p. 1181-1182.

ocidental.<sup>67</sup> Se Bosch exagera na sua afirmação “irreparável” não se sabe, mas certamente precisa-se buscar novos modelos, a fim de os empreendimentos missionários não serem de universalidade e imperialismo.

As missões protestantes começaram, de fato, em grande grau, no século XIX. Os Estados Unidos, Suíça e os países escandinavos, mesmo sustendo-se afastados da organização colonial, desenvolveram muitas ações missionárias. A tecnologia permitiu entrada em lugares muito remotos do planeta, junto com o contato de “relações comerciais”, que favoreceu para o aumento das missões. Assim, foram-se criando infraestruturas: “evangelização, os postos médicos, e as escolas possibilitaram novas formas de vida e de organização social, um enorme investimento em pessoas e meios”<sup>68</sup>

Uma “crença norte-americana”, estabelecida por uma cosmovisão do iluminismo chamada “Destino Manifesto”, que alcançou seu ápice nas expansões do ocidente e também foi o período considerado o expressão máxima do colonialismo. Os norte-americanos criam que Deus os escolheu para servirem de representantes diante de outras nações. Assim os “civilizados” não apenas se sentiram superiores aos “não-civilizados”, como também responsáveis por eles.” Daí surge a ideia de que Deus escolhe os povos do Ocidente como seus “porta-bandeiras”.<sup>69</sup>

Estes países investiram em um “exército de missionários” para trabalhar nas diversas instituições. Até a Segunda Guerra Mundial, apenas missionários de meios piedosos são engajados, surgindo de diversos movimentos de avivamento, e normalmente resultavam na criação de uma instituição missionária. Seguidores da “herança pietista”, os mantenedores e seus missionários persistiam na “conversão individual acima de tudo”, em uma cultura onde sua estrutura é comunitária.<sup>70</sup>

Não se deve pensar que apenas uma, ou até algumas nações deverão evangelizar o resto do mundo. Mas assim como Obed Gorrín diz: “A tarefa de evangelizar Cuba é dos cubanos”<sup>71</sup> Não que não se tenha mais responsabilidade com a evangelização das outras nações, mas, que se precisa mudar a maneira e concepção que se tem sobre fazer missões, o que já tem acontecido muito em várias empreendimentos missionários da atualidade.

---

<sup>67</sup> BOSCH, 2002, p. 617.

<sup>68</sup> GISEL, 2016, p. 1183.

<sup>69</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 27.

<sup>70</sup> GISEL, 2016, p. 1183.

<sup>71</sup> *Apud.* ESPERANDIO, Samuel. **A formação das igrejas da convenção batista do rio grande do sul e os princípios de auto-sustento, autogoverno e autopropagação.** Viçosa: Centro evangélico de Missões, 2001, p. 15.

Durante o século XIX, o evangelicalismo<sup>72</sup> foi respeitado em uma situação que buscava recuperar suas características, e, quanto mais respeitado, mais envolvia-se com o sistema colonial. Após 1880, não se tinha dúvidas acerca da “cumplicidade das agências missionárias no empreendimento colonial. Esta época foi o auge do envio de missionários. Entre 1799-1879, a Sociedade Missionária Inglesa (SMI) enviou 991 missionários e nos 26 anos seguintes, enviou 1.478. A Universidade de Cambridge “entrou em cena” formando um tipo novo de missionário, que era voluntário, e serviria para substituir os missionários mais velhos no campo.<sup>73</sup>

Nas igrejas que nascem deste resultado, poucas recebem dos “missionários brancos” a incumbência de serem lideradas por missionários autóctones, que se tornam “porta-vozes, por sua vez, da nova fé entre os seus”. Isto revela a “mentalidade colonial” existente nas igrejas: que entendem que quem lidera são “missionários brancos” e as decisões maiores são feitas pela liderança missionária das sociedades europeias. Portanto, historicamente a missão cristã está vinculada ao empreendimento de caráter colonial.<sup>74</sup>

Portanto, percebe-se que o empreendimento colonialista imperial, que teve início no século XVI, sua ideologia e uma série de fatores já mencionados acima, geraram uma herança na forma de fazer missões que impediu e ainda impede, em alguns casos, o desenvolvimento de liderança religiosa nativa e também na formação de uma teologia nacional de cada continente, gerando uma relação “paternalista”<sup>75</sup> de dependência do povo autóctone às organizações missionárias, que, desta forma, prejudica o desenvolvimento da liderança autóctone.

Segundo Bosh, esta forma autóctone, embora nunca abandonada de maneira formal, “caiu no esquecimento”. Isto porque os missionários recém formados pelas agências, foram ao campo com “ideias muito claras” do que era melhor para as “igrejas jovens”. E tiveram um apreço mais baixo pelas capacidades e talentos dos nativos. Esta autoctonia tem sido

<sup>72</sup> “**EVANGELICALISMO**”: é um “movimento no cristianismo moderno que transcende as fronteiras denominacionais e confessionais, enfatizando a conformidade com as doutrinas básicas da fé e um alcance missionário de compaixão e urgência. Quem se identifica com este movimento é um ‘evangélico conservador’ (ou ‘evangelical’) que crê no evangelho de Jesus Cristo e o proclama”. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Trad: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 115.

<sup>73</sup> BOSCH, 2002, p. 372.

<sup>74</sup> GISEL, 2016, p. 1183.

<sup>75</sup> “**PATERNALISMO**”: É a “política ou prática de controlar uma pessoa, um grupo, um povo, etc. De modo paternal, provendo suas necessidades, sem dar-lhe direitos ou responsabilidades.” In: Sacconi, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1549.

comentada, porém a prática, de parte do século XIX aos dias de hoje, caiu no esquecimento, não parece ser muito realizada, e percebe-se que ainda há herança que persiste em ficar.

### 1.3 Indigenização/Contextualização missionária como estratégia das Missões Cristã

Já se viu que a missão do século XVI, junto a outros fatores, gerou sérias consequências à construção da liderança nativa. Também, se abordou que as missões subsequentes à era colonial receberam heranças da missão imperial e etnocêntrica. No entanto, agora estudar-se-á a prática da contextualização, visando à volta da valorização e envolvimento do povo nativo às missões cristãs. Desta forma, pode-se visualizar um Cristianismo que não é imperial e etnocêntrico, impondo sua cultura aos nativos. Pois pretende ser multicultural, que respeita e valoriza a formação de liderança e teologia nativa.

#### 1.3.1 Definição dos termos

No desenrolar dos movimentos modernos de missões, o termo “indigenização” tem sido apresentado para definir a missão da igreja. Nas obras de Rowland Allen, Henry Venn, Melvin Hodges e outros, o objetivo da indigenização refere-se a “igrejas indígenas”.<sup>76</sup> Igrejas indígenas não “significava igrejas de índios, mas igreja do povo, dos ‘três autos’”, em outras palavras, “Igrejas autóctones”<sup>77</sup>, que possuem as características de autogoverno, autossustento e autopropagação.<sup>78</sup> Hoje, pode-se identificar pelo menos sete autos, porém estes serão abordados no capítulo 3.

As igrejas “não podiam depender dos missionários para estas coisas”.<sup>79</sup> Nestas tentativas de indigenização das “formas de culto, a música, a arquitetura da igreja e padrões de evangelização” foram tanto desencorajadas quanto encorajadas pelos missionários.<sup>80</sup> Mais tarde, o significado da “palavra foi ampliado, e a palavra usada passou a ser “contextualização”, que expressa a mesma coisa, porém com ampliação mais abrangente.”<sup>81</sup>

No entanto, é impossível definir com precisão esta palavra, pois tem sido bastante mudada desde 1972, quando foi utilizada pela primeira vez. Em geral, a palavra é ligada “à

<sup>76</sup> NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 17.

<sup>77</sup> “**IGREJAS AUTÓCTONES**”: é a igreja cujos membros desenvolvem as verdades morais, sociais e espirituais, do Cristianismo Bíblico de maneira relevante aos “padrões da sociedade local. E para esta igreja, “qualquer transformação dessa sociedade vem de suas necessidades sentidas sob a orientação do Espírito Santo e das Escrituras.” SMALLEY, IN: Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C. **Missões transculturais**. São Paulo: Mundo Cristão. 1987, p. 603.

<sup>78</sup> BURNS, Barbara Helen. **Contextualização missionária**: desafios, questões e diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 17.

<sup>79</sup> BURNS, 2011, p. 56.

<sup>80</sup> NICHOLLS, 2013, p. 17.

<sup>81</sup> BURNS, 2011, p. 56.

ideia de identificação cultural do missionário, à comunidade eficaz e à formação de uma comunidade que a Bíblia chama de Igreja”<sup>82</sup>

### 1.3.2 Descolonizando as missões cristãs

Contextualização começou a ser usada pelos estudiosos Shoki Coe e Aharon Sapsezian, ligados ao Fundo de Educação Teológica (FET). Eles declararam que:

contextualização dá a entender tudo quanto está envolvido no termo familiar “indigenização,” mas procura abrir caminhos além dele, para levar em conta o processo de secularidade, da tecnologia e da luta pela justiça humana que caracteriza o momento histórico das nações no terceiro mundo.<sup>83</sup>

Buscando levar em conta a capacidade de dialogar entre “civilização tecnológica universal” aos acontecimentos locais religiosos e culturais, a contextualização é a eficiência de responder de maneira relevante “ao evangelho dentro do arcabouço da situação da própria pessoa.<sup>84</sup> Assim, nega-se a “possibilidade de uma teologia bíblica única, mas, pelo contrário”, fala-se de uma “teologia bíblica no plural”, “condicionada à comunidade” do autor da teologia.<sup>85</sup>

Aos escritores desta ideia, o contexto significava a “situação cultural em que o evangelho se enraizava”. Os estudiosos desta interpretação, no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), instam que “não há teologia absoluta ou eterna. Em vez disso, eles acreditam que a dialética contínua entre o texto (cristianismo) e contexto (cultura) produzirá uma teologia que é correta para essa situação particular”. O CMI colocou o contexto no ponto dominante e o texto no ponto subordinado.<sup>86</sup>

Após o fim da colonização, depois da Segunda Guerra Mundial, houve certa frustração das igrejas indígenas pelas igrejas jovens “em busca de autoidentidade e no seu entusiasmo de participar, da vida nacional de suas nações novas.<sup>87</sup> A falta de uma “teologia bíblica da contextualização” tem produzido no “movimento missionário mundial: sincretismo religioso e o nominalismo evangélico”.<sup>88</sup>

O Pacto de Lausanne afirma que “a cultura de um povo em parte é boa e em parte é má, devido à queda. Por isso deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras, para que possa ser

---

<sup>82</sup> BURNS, 2011, p. 56.

<sup>83</sup> NICHOLLS, 2013, p. 18.

<sup>84</sup> NICHOLLS, 2013, p. 18.

<sup>85</sup> NICHOLLS, 2013, p. 21.

<sup>86</sup> TERRY, John Mark; PAYNE J. D. **Developing a Strategy for Missions: a Biblical, historical, and cultural introduction.** Grand Rapids: Baker Academic, 2013, p. 136.

<sup>87</sup> NICHOLLS, 2013, p. 17.

<sup>88</sup> BURNS, 2011, p. 15.

redimida e transformada para a glória de Deus.”<sup>89</sup> Segundo Bruce Nicholls, a contextualização sem fundamentos teológicos, acarreta em sincretismo e nominalismo religioso, porque passa a ser apenas “presença cristã” ou, “preocupação social humanista”. Para ele, o “sincretismo religioso é uma síntese entre fé cristã e outras religiões.”<sup>90</sup>

Hibbert nos chama atenção sobre o empenho para parecer “simpáticos ao mundo”. Segundo ele, não se pode esquecer que a Bíblia “confronta a cultura, mostrará o pecado e clamará por transformação através do Cordeiro.” Portanto, a “minimização da mensagem” diante de assuntos como a poligamia, não ajudam a introdução da pessoa no reino de Deus. Não se pode proclamar a Bíblia de forma parcial, um “evangelho partido ao meio, enfraquecido”, pois estas atitudes cooperam para o sincretismo e parcialidade aos outros princípios bíblicos.<sup>91</sup>

Barbara Helen Burns afirma que o liberalismo teológico de James, Bultmann e Kierkegaard, ameaça a “compreensão bíblica da contextualização”. Isto porque “leva-nos a crer na apresentação de um evangelho que não muda (pois toda mudança cultural é negativa), não confronta (pois a verdade é individual e não dogmática) e não liberta (pois a liberdade proposta é apenas social).”<sup>92</sup>

William James (1907), citado pela mesma autora, defendeu que deve ser feita a “atualização teológica a partir da necessidade sociocultural ou linguística”. Da mesma forma, Rudolf Bultmann defende uma proposta de que não há “verdades dogmática, supracultural e cosmicamente aplicáveis. A verdade é individual e, como tal, deve ser compreendida e aplicada de acordo com o molde receptor”.<sup>93</sup> Embora haja só um evangelho, sólido, que não muda, não existe somente uma única maneira de transmiti-lo.<sup>94</sup> Desta maneira, como menciona o pastor Hans Udo Fuchs, algumas igrejas não compreenderam a importância da contextualização e agem como no passado, estão caminhando ao fracasso, pois não se trata de questões teológicas, mas de alcançar o coração das pessoas.<sup>95</sup>

Portanto, pode-se ver que há tensões entre a verdade individual e a dogmática. No entanto, o apóstolo Paulo “apresenta diversidade de abordagens em sua obra missionária. Em Atenas, ele é muito diferente do Paulo de Tessalônica.” O cristianismo “por um lado é ‘conservador’, apelando para as tradições originais como fonte de legitimidade; por outro lado,

---

<sup>89</sup> BURNS, 2011, p. 22.

<sup>90</sup> BURNS, 2011, p. 22.

<sup>91</sup> *Apud.* BURNS, 2011, p. 23.

<sup>92</sup> BURNS, 2011, p. 23.

<sup>93</sup> BURNS, 2011, p. 21.

<sup>94</sup> PATRICK, Darrin. **O plantador de igreja.** São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 250.

<sup>95</sup> FUCHS, Hans Udo. **Brasil, um país multicultural.** In: PASCHOAL, Piragine Júnior. **Contextualizando a igreja de Cristo: igrejas fiéis no mundo de hoje.** Rio de Janeiro: JUERP, 2003, p. 38.

é ‘liberal’, rompendo com determinadas tradições religiosas.” Estas duas linhas em tensão são “o maior problema pragmático da história da igreja”. De fato, precisa-se do equilíbrio entre as duas linhas para haver o crescimento saudável da igreja.<sup>96</sup> Portanto, contextualização é “permanecer na corda bamba entre a fidelidade às Escrituras e a relevância à nossa cultura, sem cairmos para um lado ou para outro.”<sup>97</sup>

Paul Hiebert, professor de Antropologia missionária na Trinity Evangelical Divinity, defendeu uma “abordagem de contextualização que ele chamou de “Contextualização Crítica”<sup>98</sup>. Na primeira consideração, Hiebert defendeu que os “líderes das igrejas locais deveriam estudar os costumes e tradições da cultura. Na segunda consideração, “o pastor local ou missionário então leva os crentes a estudar as Escrituras que pertencem às práticas culturais”. A terceira consideração defende que “cristãos locais se encontram para avaliar seus costumes, e especialmente os conhecimentos religiosos, melhor do que o missionário”.<sup>99</sup>

Também é significativo que eles percorram este processo. Isso “proporcionará um padrão de decisões bíblicas informando que eles podem aplicar em outras situações”. Suas decisões serão guiadas pelo seu entendimento cultural, pelos ensinamentos da Bíblia e pela orientação do Espírito, enquanto oram.<sup>100</sup>

A quarta e última consideração de sua abordagem é a “implementação das decisões tomadas pelo corpo dos crentes. Muitos costumes serão mantidos, enquanto outros serão modificados. Ele acreditava que esta abordagem permitia às igrejas missionárias e nacionais evitar o sincretismo. As crenças se fundamentam em quatro considerações: (1) contextualização crítica que entende a Bíblia com a “regra da fé e da vida”. (2) A abordagem que entende o papel do Espírito Santo na direção das novas igrejas. (3) Desta forma, a igreja atua como uma “comunidade hermenêutica”. (4) As informações conseguidas pelas igrejas servirão para utilizar para ensinar outros teólogos e crentes em “outros contextos culturais”.<sup>101</sup>

Segundo Terry e Payne, no livro *Developing Strategy For Missions*, os “escritores evangélicos tomaram a contextualização e a redefiniram para missões evangélicas. Eles perceberam que os missionários evangélicos, embora devotados à Bíblia e à ortodoxia teológica, nem sempre trataram com sensibilidade as culturas anfitriãs.”<sup>102</sup> Stelio Rega também

<sup>96</sup> SAYÃO, In: PASCHOAL, 2003, p.53.

<sup>97</sup> PRICE, In: PASCHOAL, 2003, p. 23.

<sup>98</sup> “**CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA**”: veja mais em: HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. Trad. de Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 177-179.

<sup>99</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 136.

<sup>100</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 137.

<sup>101</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 137.

<sup>102</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 137.

comenta que cada “cultura tem a seu próprio modo de encarar a realidade e o mundo”. Cada cultura tem sua própria cosmovisão, comunicação e sistema social.<sup>103</sup> Rega afirma que a “cultura é única, ela se diferencia para cada povo e região”. Assim existem os fenômenos transculturais. E nestes fenômenos precisamos influenciar as “pessoas a se converter ao cristianismo e não à cultura.”<sup>104</sup> Assim “o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em Cristo e estreitamente relacionadas à cultura local.”<sup>105</sup>

Por fim, segundo Nicholls, “o fracasso dos comunicadores missionários para reconhecimento o grau de condicionamento cultural de sua própria teologia tem sido devastador para muitas igrejas do terceiro mundo”<sup>106</sup> Da mesma forma, Terry e Payne, citando Darrell Whiteman, define que:

“contextualização tenta comunicar o Evangelho em palavras e ações para estabelecer a igreja de maneira que faça sentido para as pessoas dentro de seu contexto local, apresentando o cristianismo de tal forma que atenda às necessidades mais profundas das pessoas e penetre sua cosmovisão, permitindo-lhes seguir Cristo e permanecer dentro de sua própria cultura”.<sup>107</sup>

Constata-se, portanto, que a atitude paternalista das agências missionárias resultou na dependência dos povos autóctones a elas. Nos dias de hoje, muitas organizações, em diversos países, continuam a depender de países estrangeiros. Muitos missionários eram formados para substituir os missionários estrangeiros no campo e não capacitados com a visão de formar missionários autóctones no campo missionário. As consequências pela não valorização do povo autóctone pelas expansões e a mesma atitude por algumas agências, posteriormente, gerou certo “paternalismo”<sup>108</sup> e não valorização em relação aos líderes autóctones. Esta não valorização resultou hoje na falta de liderança pastoral, globalmente falando. O sistema se esgotou, as agências não dão conta de enviar, manter e treinar missionários suficientes para pastorear a igreja.

Enxerga-se portanto, a importância das missões intraculturais (dentro da pátria) e transculturais (fora da pátria). Precisa-se tomar cuidado para não esquecer a própria pátria, para

<sup>103</sup> REGA, In: PASCHOAL, 2003, 68-p. 70.

<sup>104</sup> REGA, In: PASCHOAL, 2003, p. 66.

<sup>105</sup> REGA, In: PASCHOAL, 2003, p. 72.

<sup>106</sup> NICHOLLS, 2013, p. 25.

<sup>107</sup> Trad. Autor: “Contextualization attempts to communicate the gospel in word and deed and to establish the Church in ways that make sense to people within their local context, presenting Christianity in such a way that it meets people’s deepest needs and penetrates their worldview, thus allowing them to follow Christ and remain within their own culture”. In: TERRY; PAYNE, 2013, p. 137.

<sup>108</sup> **PATERNALISMO:** É a “política ou prática de controlar uma pessoa, um grupo, um povo, etc. De modo paternal, provendo suas necessidades, sem dar-lhe direitos ou responsabilidades.” Sacconi, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi:** da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, 1549p.

que não aconteça da mesma forma que ocorreu na Europa, que enviou missionários e recursos a todos os lados do globo e hoje é o um dos maiores alvos evangelísticos.

Com esta finalidade a obra, no capítulo 2 buscará apresentar modelos e princípios bíblicos. Para isso, analisará as estratégias utilizadas pelo maior missionário e plantador de igrejas do Cristianismo, o Apóstolo Paulo.

## II - ESTRATÉGIA MISSIONARIA DO APÓSTOLO PAULO

Nesta parte, serão abordados as estratégias autóctones, de plantação de igrejas e formação de liderança realizadas pelo apóstolo Paulo. Entre os missiólogos, há uma discussão sobre a existência de uma estratégia paulina. De acordo com Terry e Payne, seria um erro dizer que Paulo havia elaborado tal estratégia. Para ele, sua expedição, no entanto, era efetuada por missionários informais e realizada de forma espontânea e flexível, sendo guiados pelo Espírito Santo. No entanto, certamente Paulo desenvolveu, com o passar do tempo, certo padrão e princípios, que podem ser chamados de estratégia.<sup>109</sup>

### 2.1 Paulo e a missão autóctone

Segundo John Mark Terry, sobre as estratégias utilizadas pelo apóstolo Paulo, pode-se dizer que ele trabalhou como um plantador de igrejas itinerante, indo de cidade a cidade. Nunca passou mais do que três anos em uma só cidade, em suas viagens. Era um missionário pioneiro. Ele menciona, no livro de Romanos 15.20, que fazia questão de pregar onde Cristo ainda não era conhecido. Não pedia recursos financeiro à igreja de Jerusalém ou Antioquia para ajudar as nova igrejas. Ao contrário disso, ele acreditava que a igreja deveria manter-se desde o começo. Outra observação, em Atos 14.23, é de que Paulo e Barnabé denominavam grupos de Presbíteros leigos afim de pastorear cada igreja.<sup>110</sup>

Paulo também fazia suas viagens em grupo. Nunca se vê Paulo andando sozinho. Mas, a todo momento tinha uma equipe de missionários ao seu lado. Em sua primeira viagem missionária, ele estava acompanhado de João Marcos e Barnabé. Na segunda, acompanhado de Silas, Timóteo e Lucas, os quais poderiam estar sendo treinados para o futuro (2Tm 2.2). Mas também, ao mesmo tempo, forneciam mais conforto e força para a viagem. Outro aspecto do apóstolo foi continuar a manter contato com a igreja de Antioquia e lhe informar acerca daquilo que Deus havia feito (Atos 14: 26.28). Ele fez-se tudo para com todos, nunca mudou a mensagem, doutrina ou comportamento, mas também mostrou flexibilidade de diversas maneiras<sup>111</sup>

Um exemplo autóctone é a igreja de Antioquia, pois ela nasceu através da “dispersão dos cristãos, em vez do ministério apostólico (At 8)”. Dali, a obra missionária aos gentios

<sup>109</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p.54.

<sup>110</sup> TERRY, John Mark. **Paul and Indigenous Missions**. In: PLUMMER, Robert L; TERRY, John Mark. **Paul's Missionary Methods**: In His Times and Ours. Illinois: IVP, 2012, p. 163.

<sup>111</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 164.

estendeu-se para fora das “fronteiras geográficas, linguísticas e étnicas (At 13-18)”.<sup>112</sup> Craig Ott faz a seguinte observação:

Paulo e seus colegas estabeleceram novas igrejas autóctones em centros de influência da Diáspora Judaica e preparou os cristãos da melhor maneira possível – para pregar o Evangelho nas cidades e vilas vizinhas. Outros movimentos também emergiram de Tessalônica e Éfeso. Até Antioquia da Psídia, cenário de terrível oposição ao Evangelho, tornou-se uma base tal que ‘A palavra do Senhor se espalhava por toda a região’ (At 13.49).<sup>113</sup>

O mesmo autor afirma que Éfeso veio a ser um lugar especial, pois tornou-se centro de treinamento e evangelismo para a Ásia Menor (At 19.26). Ali pode-se ver um exemplo de lugar para “treinar obreiros locais para darem início a novas igrejas”. Segundo Ott percebe-se o caráter “exponencial, evangelístico e dirigido por leigos desse crescimento” que pode ser observado nos seguintes versículos: Atos 9.31; 11.20s; 12.24; 13.49; 19.10 e 1 Tes 1.8. Portanto, percebe-se o trabalho dos apóstolos juntamente com leigos na expansão da igreja a todo Império Romano.<sup>114</sup>

Também é importante entender melhor o que é de fato uma igreja autóctone, de acordo com Paulo. Existem alguns problemas antropológicos que não são tratados em muitas discussões sobre o tema. Parece que se tornou incontestável que uma igreja autóctone é aquela que possui as características de autogoverno, autossustentável e autopropagação. No entanto, somente essas características não são adequadas para definir o “movimento autóctone”. Embora as três possam estar presentes em tal movimento, parecem mais chavões aplicados as igrejas sem o devido cuidado.<sup>115</sup>

Porém, pode existir uma igreja autogovernada e ainda assim não ser autóctone. Basta treinar líderes nativos nos padrões ocidentais e o resultado será líderes nativo agindo do mesmo modo que os ocidentais (estrangeiros). Embora mudando alguns aspectos para se parecer ao estilo local, ainda não poderá ser chamada de autóctone.<sup>116</sup> John Mark Terry afirma que os esforços para instituir uma igreja autóctone, que se adapte naturalmente ao ambiente, é justamente uma forma de evitar que nasçam igrejas com padrões ocidentais.<sup>117</sup> Neste caso, não adiantará nada treinar líderes com valores ocidentais, pois, fazendo isso, ter-se-á o risco de promover sincretismo e nominalismo religioso, como se pode ver no primeiro capítulo.

<sup>112</sup> OTT, Craig. **Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação.** Curitiba: Esperança, 2013, p. 76.

<sup>113</sup> OTT, 2013, p. 76.

<sup>114</sup> OTT, 2013, p. 76-77.

<sup>115</sup> SMALLY, 1987, p. 599-600.

<sup>116</sup> SMALLY, 1987, p. 599-600.

<sup>117</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 160.

É impossível afirmar que a igreja de Jerusalém não era uma igreja autóctone, pois ela se apresenta assim: os cristãos dessa igreja eram judeus de tal maneira, que reagiam contra a conversão de gentios a não ser que se convertessem também às leis ritualísticas em obediência. Está igreja, em seu tempo de necessidade, “recebeu ofertas do estrangeiro, da Europa”. Paulo transportou essas ofertas a Jerusalém. E ninguém alega nada contra as ofertas, como prejudiciais à autoctonia da Igreja. O autossustento ainda é a forma mais saudável para o crescimento da igreja, mas em alguns casos onde não é possível, a falta de autossustento não impede a igreja de ser autóctone.<sup>118</sup>

Tudo depende de como o grupo missionário se comporta em relação a “controlar a vida da igreja através da manipulação de recursos financeiros”. Se as modificações na sociedade da jovem igreja acontecem por carências sentidas, e de forma programada e exercida pelos membros da igreja local, seus próprios meios e propósitos, o simples fato de vir recursos do estrangeiro não a impede de ser uma Igreja Autóctone.<sup>119</sup> A tentativa de plantar igrejas autóctones vem da vontade de fazer missões da mesma forma que Paulo fez. Todos os defensores das missões autóctones têm como argumentos as estratégias de Paulo.<sup>120</sup>

Uma das implicações de uma igreja autóctone segundo William A. Smalley, é de que “é impossível ‘fundar’ uma igreja autóctone”. Smalley afirma que não é possível fundar, mas apenas plantá-las.<sup>121</sup> Ou seja, deixar que os nativos assumam a liderança da igreja desde o início. O papel do missionário não é pastorear igrejas, mas dar suporte e capacitação bíblica aos pastores autóctones. Segundo ele,

“geralmente a missão fica surpresa com as sementes que crescem. Com frequência, elas têm a tendência de considerar as sementes que crescem de modo fecundo como ervas daninhas, um transtorno, um estorvo no jardim cuidadosamente cultivado da missão vinda do estrangeiro, e o tempo todo as plantas cuidadosamente cultivadas na estufa, que é a igreja ‘fundada’ pela missão, não consegue espalhar suas raízes nem se nutrir a partir do solo de sua vida ou Palavra de Deus, porque estão dentro de vasos que impedem que as suas raízes se espalhem, que são as organizações e a cultura daquela missão.”<sup>122</sup>

Mas é importante mencionar que nas igrejas que Paulo plantava, havia lideranças locais, “que foram recomendadas ao Senhor (At 14.23; 20.32).” Paulo não passava muito tempo em um mesmo local, mas preparava líderes autóctones e continuava sua obra pioneira de plantação de igrejas.<sup>123</sup> Este será o assunto do próximo ponto, ele é importante porque percebe-

<sup>118</sup> SMALLY, 1987, p. 600-601.

<sup>119</sup> SMALLY, 1987, p. 600-601.

<sup>120</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 160-161.

<sup>121</sup> SMALLY, 1987, p. 607.

<sup>122</sup> SMALLY, 1987, p. 607.

<sup>123</sup> OTT, 2013, p. 78.

se que Paulo plantava igrejas e não missões. Roland Allen, em seu livro clássico *Missionary Methods: St Paul's or Ours?*, escreve que, em relação a estratégia de Paulo, “a primeira e mais importante diferença entre os métodos apostólicos e os nossos, é que eles fundaram igrejas e nós fundamos missões”.<sup>124</sup>

## 2.2 Paulo e o plantio de igrejas

O apóstolo Paulo tinha como estratégia para plantação de igrejas, o pensamento de plantá-las em grandes cidades, comerciais e de grande potencial para espalhar o evangelho às demais cidades vizinhas.<sup>125</sup> Terry comenta sobre o pensamento de Allen, em relação ao apóstolo ser sábio nas escolhas de cidades romanas para plantar igrejas, pois era cidadão romano e poderia contar com a proteção de oficiais romanos, bem como trafegar entre as cidades tranquilamente e encontrar um campo amplo para o Evangelho.<sup>126</sup> Da mesma forma, pode-se pensar que pastores autóctones em países que perseguem a fé cristã são mais relevantes e eficazes do que missionários estrangeiros, que podem ser deportados e não podem andar com tanta liberdade.

Terry, citando Robert Plummer, afirma que Paulo referiu-se com o termo (*ekklesia*) à igreja universal salva por Cristo. Mas também aos “crentes em um ambiente local, como ‘a igreja de Laodiceia’ ou ‘a igreja de Deus que está em Corinto’, isso incluiu aqueles que se encontram em igrejas domésticas ou crentes em uma cidade.”<sup>127</sup> O sucesso do ministério de Paulo foi devido aos primeiros cuidados aos recém convertidos. Paulo e Barnabé plantavam igrejas e capacitavam os primeiros convertidos (pastores autóctones) para darem sequência à obra.<sup>128</sup>

De acordo com David J. Hesselgrave, para o plantio de uma igreja, Paulo geralmente utilizava uma sequência de atitudes. Hesselgrave as chama de “O ciclo Paulino”. O ciclo consiste em: **(1)** “Os Missionários Comissionados – Atos 13.1-4; 15.39,40”; **(2)** “O Auditório Contatado – Atos 13.14-16; 14.1; 16.13-15”; **(3)** “O Evangelho Comunicado – Atos 13.17ss.; 16.31”; **(4)** “Os Ouvintes Convertidos – Atos 13.48; 16.14, 15”; **(5)** “Os Crentes Congregados – Atos 13.43”; **(6)** “A Fé Confirmada – Atos 14.21, 22; 15.41”; **(7)** “Os Líderes Consagrados – Atos 14.23”; **(8)** “Os Crentes Recomendados – Atos 14.23; 16.40”; **(9)** “Os Relacionamentos

<sup>124</sup> ALLEN, Roland. **Missionary Methods: St Paul's or Ours?** Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1962, p. 83.

<sup>125</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 180.

<sup>126</sup> STETZER, Ed; BEARD, Lizette. **Paul and Church Planting**. In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 180

<sup>127</sup> “believers in local setting such as the “church of the Laodiceans” or “the church of God that is in Corinth.”. This included those meeting in house churches or the believers in a city.” (Trad. do autor). TERRY, John Mark. **Paul and Indigenous Missions**. In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 186

<sup>128</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 187.

Continuados – Atos 15.36; 18.23”; (10) “As Igrejas Missionárias Convocadas – Atos 14.26, 27; 15.1-4”.<sup>129</sup>

Segundo Hesselgrave, em relação ao ciclo paulino, não parece que ele queira sustentar que Paulo realizou todo o trabalho sozinho. Ele andava em equipe, e sendo assim, delegava deveres a outras pessoas também. Um exemplo citado por Hesselgrave é quando Paulo escreve para Tito: “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísse presbíteros, conforme te prescrevi” (Tito 1.5).<sup>130</sup> Desta forma doando-nos a entender seu intuito de multiplicação tanto de liderança autóctone, quanto da própria igreja em si.

Segundo Ott, o “ministério em equipe contribuiu para missões apostólicas”. Ott afirma que foram treinados novos líderes, conforme a necessidade. Paulo usava a equipe como forma de treinar outros líderes na circunvizinhança da igreja plantada nos grandes centros. Isso gera uma “comunidade de aprendizagem na qual cada um é professor e aluno em algum grau”. Guiados pelo Espírito Santo, eles “estavam reunindo e dirigindo essas equipes para cumprir a missão” (Atos 13.2-9).<sup>131</sup>

Segundo Conrad Mbeve, o trabalho de plantação de igrejas de Paulo tinha três fases: a primeira, paternalista, a segunda, de liderança partilhada e a terceira, de retirada final. A parte paternalista, segundo o autor, é inevitável no início, pois Paulo tinha a verdade do Evangelho e o povo receptor não a tinha. Paulo passou a primeira fase de seu ministério ensinando as pessoas (Atos 13.16; 16.13-14; 17.1,2; 17.22). E a medida que ele continua seu ministério, ainda continua a ensinar (Atos 13.43; 15.35; 17.4).<sup>132</sup>

A segunda fase, liderança partilhada, é a etapa em que os “delegados de Paulo” já atingiram maturidade suficiente para serem nomeados líderes. O primeiro desafio desta fase é escolher a sua equipe de líderes. Nesta hora, é interessante analisar que todas as qualificações que Paulo observou em Tito, capítulo 1 e 1, Timóteo, capítulo 3, eram espirituais e morais.<sup>133</sup>

O próximo dever, após a escolha, é trabalhar com esses líderes em estilo de parceria e não de forma paternalista. Nesta etapa, Paulo fez de tudo para retirar qualquer paternalismo. Em Atos, pode-se notar que muitos que ajudaram na plantação de igrejas não foram apóstolos,

<sup>129</sup> HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 39.

<sup>130</sup> HESSELGRAVE, 1995, p. 41

<sup>131</sup> OTT, Craig. **Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação**. Curitiba: Esperança, 2013, p. 172-173

<sup>132</sup> MBEWE, Conrad. **Insights from the lives of Olive Doke and Paul Kasonga for Pioneer Mission and Church Planting Today**. Carlisle: Langham, 2014. p. 1258- 1269. (Ebook Kindle)

<sup>133</sup> MBEWE, 2014, p. 1279-3351.

mas tratados por Paulo como iguais, com respeito mútuo. Lucas descreve como a equipe de Paulo foi instruída a ir para Filipos, em Atos 16.9-10.<sup>134</sup>

“Então, contornaram a Mísia e desceram a Trôade. Durante a noite Paulo teve uma visão, na qual um homem da Macedônia estava em pé e lhe suplicava: ‘Passe à Macedônia e ajude-nos. Depois que Paulo teve essa visão, preparando-nos imediatamente para partir para Macedônia, concluindo para lhes pregar o evangelho.’ (Atos 16.9-10).<sup>135</sup>

Segundo Mbewe, visto que o receptor da visão foi Paulo, nota-se que ele transmitiu à equipe o que havia sonhado. Se Paulo não tivesse falado, Lucas não o teria registrado. Portanto, isto demonstra que o apóstolo não tomava decisões sozinho, mas as apresentava a toda a equipe. De acordo com o autor, percebe-se, neste versículo, o respeito mútuo de Paulo pelos demais líderes.<sup>136</sup> Em 2Corintos 8.8-24, Paulo demonstra um exemplo de igualdade e respeito mútuo, não se mostrando superior aos demais líderes, mas incentivando a liderança partilhada<sup>137</sup> (Leia 2 Co 8.8-24).

Deve-se, portanto, entender que o papel em missões hoje é apoiar, em espírito de parceria e respeito mútuo, homens dispostos a pregar e que sejam capazes de ensinar outros, de acordo com 2Timóteo 2.2. Entende-se que espírito de parceria é melhor do que paternalismo. Desta forma, em missões, o dinheiro e métodos são secundários, embora importantes. E a necessidade primordial é a de obreiros.

A relação entre Paulo e os líderes locais, chamados Presbíteros era de igualdade. Um exemplo a este respeito encontra-se em Atos 15, estes ficam juntos em Antioquia para resolver conflitos na igreja. E não houve distinção entre os dois grupos.<sup>138</sup> De acordo com Mbewe Lucas descreveu:

Mas alguns homens vieram da Judeia e ensinaram aos irmãos: ‘A não ser que você seja circuncidado de acordo com o costume de Moisés, não pode ser salvo’. E depois que Paulo e Barnabé não tiveram pequena discussão e debate com eles, Paulo e Barnabé e alguns outros foram nomeados para subir a Jerusalém para os apóstolos e os Presbíteros que considerariam juntos sobre esta questão....Os apóstolos e anciões reuniram-se considerando este assunto. Então pareceu bom aos apóstolos aos anciões, com toda a igreja, escolherem homens dentre eles e envia-los para Paulo e Barnabé. Eles enviaram Judas chamado Barsabbas e Silas, levando homens dentre os irmãos, com seguinte carta: ‘Os irmãos, os apóstolos e os presbíteros, para os irmão gentios em Antioquia e Síria e Cilícia, Saudações’. (Atos 15: 1-6, 23).<sup>139</sup>

<sup>134</sup> MBEWE, 2014, p. 1300-3351.

<sup>135</sup> **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003. Atos 16.9-10.

<sup>136</sup> MBEWE, 2014, p.1311-3351.

<sup>137</sup> MBEWE, 2014, p.1333-3351.

<sup>138</sup> MBEWE, 2014, p.1343-3351.

<sup>139</sup> MBEWE, 2014, p. 1343-3351.

A terceira fase, no entanto, o autor descreve como “retirada final”, e é momento onde o plantador dá alguns passos para trás e os líderes autóctones assumiram a igreja. Está será tratada com mais detalhes no próximo ponto, Paulo e a formação de liderança.

### 2.3 Paulo e a formação de liderança

Um especialista em plantação de igreja, D. Payne, certa vez disse que os plantadores de igreja precisam sempre fazer uma pergunta a si mesmos: “Se eu estivesse andando pela rua e for atingido por um raio e morrer, o que aconteceria com as igrejas recém-plantadas?”<sup>140</sup> Está é uma boa pergunta, que nos faz pensar sobre a delegação de líderes desde o início das igrejas plantadas. Chuck Lawless argumenta que se deve dar atenção especial aos primeiros recém-convertidos, e formar líderes de forma intencional na igreja. Lawless descreve a conclusão de Allen acerca de Paulo ter ensinado um credo básico ou tradição, ordens e as Escrituras aos recém-convertidos. Segundo ele, este ensino não foi complexo, mas teve foco na formação de liderança. O mesmo autor defende que as primeiras coisas que se deve preocupar ao plantar uma igreja, é no desenvolvimento de liderança e a entrega da igreja a elas.<sup>141</sup>

Segundo Lawless, Allen defende que é errôneo pensar que, ao plantar uma igreja, deve-se passar a liderança ao missionário autóctone somente depois de uma excelente capacitação aos líderes. Para Allen, estas atitudes revelam falta de fé e confiança no Espírito Santo e promovem o atraso do crescimento espontâneo da igreja, gerando profissionalismo e paternalismo. Ele afirma que os novos crentes, cheios do Espírito Santo, não são tão ineficientes quanto se pensa. Allen afirma que Paulo pregava por alguns meses e avançava ao próximo destino. Lawless menciona, que Allen descreve que as igrejas não dependiam apenas dos apóstolos, mas tinham líderes autóctones. Porém, isso não nos dá aval para a pouca capacitação bíblica, pois Paulo não abandonava as igrejas totalmente, mas enviava cartas, ou voltava sempre que possível para ensinar e dar suporte necessário e treinamento contínuo aos líderes.<sup>142</sup> Precisa-se treinar os líderes da melhor forma possível.

Uma visita de Paulo a Listra resultou no início do treinamento de Timóteo com Paulo (Atos 16. 1-5). E houve outra visita, registrada em Atos 18.23, com o propósito de fortalecer os discípulos. Lawless argumenta que a igreja de Corinto é um modelo do “compromisso a longo prazo” em relação a acompanhamento e treinamento de líderes. Paulo fica dezoito meses em Corinto, plantando a igreja (Atos 18.1-11). Depois de plantar e ir a Éfeso, ele ainda volta quando

<sup>140</sup> “If I were walking down the street and I was active by lightning and died, what would happen as newly planted churches?” (Trad. do autor) Payne, J.D. **Discovering Church Planting**. Carlisle: Paternoster, 2009, p. 117.

<sup>141</sup> LAWLESS, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 220.

<sup>142</sup> LAWLESS, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 222-225.

necessário (três vezes segundo Lawless) para dar suporte à igreja, e também envia cartas aos irmãos (Atos 2Cor 2.1; 7. 8-16; 13.1-2 ).<sup>143</sup>

Lawless descreve um resumo de Schnabel acerca do treinamento contínuo de liderança de Paulo da seguinte maneira:

Paulo não se contentou em pregar o Evangelho aos incrédulos e estabelecer novas comunidades de seguidores de Jesus. Ele continuou preocupado com as igrejas que tinham surgido e com os crentes que se encontravam nessas igrejas locais todas as semanas – preocupados com a autenticidade doutrinária e com a consistência moral, pela fé, vida, liderança e novos convertidos. Paulo está preocupado que os professores nas igrejas ensinem corretamente e os crentes acreditem de forma correta. É por isso que ele escreve suas cartas e discute crenças unilaterais ou enganosas que alguns crentes propagam.<sup>144</sup>

Segundo Lawless, Allen entende que somente através de crentes a ensinar outros crentes a igreja será equipada. Segundo ele, o resumo de Schabel levanta um problema para aqueles que afirmam que o trabalho de Paulo era rápido, dando pouco cuidado e atenção à igreja. Lawless afirma que, mesmo havendo dúvidas sobre Paulo estar dividido entre seu chamado pioneiro e cuidado pastoral da igreja, percebe-se que ele dedicou-se as duas preocupações.<sup>145</sup>

Paulo batizava e nomeava Presbíteros locais, para o trabalho nas igrejas. Em 1Corintos, percebe-se que eles tinham autoridade para batizar.<sup>146</sup> Paulo comentou “Dou graças a Deus por não ter batizado nenhum de vocês, exceto Crispo e Gaio; de modo que ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome...” (1Co 1.14-15). Segundo Alexander Strauch, o Novo Testamento registra um conselho de Presbíteros em quase todas as primeiras igrejas. Essas igrejas foram disseminadas por uma grande área geográfica culturalmente diversificada, de Jerusalém até Roma. Strauch demonstra isso quando escreve:

Considere o padrão consistente de liderança plural pelos Presbíteros que existiram entre as primeiras igrejas Cristãs, como está registrado no Novo Testamento. (At 11:30, Tiago 5: 14,15). Os Presbíteros governaram a igreja em Jerusalém (Atos 15). Entre as igrejas paulinas, a liderança da pluralidade dos Presbíteros foi estabelecida na igreja da Judéia e nos arredores. Igrejas de Derbe, Listra, Iconio e Antioquia (Atos 14:23); na igreja de Éfeso (Atos 20:17); 1 Timóteo 3:1-7, 5:17-25); na igreja de Filipos (Filipenses 1:1); e nas igrejas na ilha de Creta (Tito 1:5) De acordo com a bem-viada carta de 1 Pedro, os Presbíteros existiram em igrejas em todo o noroeste da Ásia Menor, Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, Bitínia (1 Pedro 1:1; 5:1). Existiram indícios

<sup>143</sup> LAWLESS, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 222-225.

<sup>144</sup> *Apud.* LAWLESS, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 225- 227.

<sup>145</sup> LAWLESS, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 227.

<sup>146</sup> MBEWE, 2014, p. 1365-3351.

que Presbíteros existiram nas igrejas de Tessalônica (1Ts, 5:12) e Roma (Heb 13:17).<sup>147</sup>

Strauch menciona que Timóteo era um delegado de Paulo, que fazia o mesmo trabalho que Paulo, e não era um líder pastoral local. Ele era como Tíquico, Erasto e Tito, um delegado apostólico, servindo como colega de trabalho de Paulo para espalhar o Evangelho e fortalecer as igrejas plantadas, era um evangelista (1Ts 3:2; 2 Tm 4:5).<sup>148</sup>

No entanto, palavra “Presbíteros”, traz o significado de “antigo”. Trata-se de uma forma comparativa que significa “mais velho” (Lc 15:25). Em algumas vezes, a força comparativa desaparece e esta palavra significa somente “velho”. Ela também tem duplo sentido, para designar a idade ou um título. Alguns casos não é fácil distingui-los, mas na maior parte a palavra é clara. Ela pode ser utilizada com o significado de “homem mais velho” (1Tm 5.1) – ou então dirigida a um “funcionário da comunidade ‘Presbítero’” (1Tm 5.17). Certamente esta palavra, em seus dois significados, está ligada à ideia de experiência, maturidade, autoridade, dignidade, honra, sabedoria, dentre outras.<sup>149</sup>

De acordo com Dr Thomas Wade Akins, no livro de Atos, pode-se perceber que o Apóstolo Paulo elegeu alguns “Presbíteros” por toda a província da Ásia Menor. A palavra “Presbiteros” no entanto, aparece 56 vezes no Novo Testamento. Entre estas, encontram-se 28 menções aos judeus e 28 às igrejas do Novo Testamento. Atos 15.2,4,6,22,23; 16.4 e também 21.8 confirmam que havia Presbíteros na igreja de Jerusalém. Dr Thomas, em seu livro *Evangelismo Pioneiro*, 1999, comenta que estas foram as pessoas que assumiram a liderança das igrejas plantadas por Paulo.<sup>150</sup>

Além disso, ele descreve as etapas que o Apóstolo Paulo prosseguia: (1) “Ele entrou numa cidade (Atos 19.1)” – (1) “Ele ganhou almas perdidas para Cristo. (Atos 14.21; 19.8, 10,20)” – (3) “Ele ensinou os novos decididos. (Atos 14.22; 19,9,10)” – (4) “Ele treinou e equipou líderes locais. (Atos 20.17-21)” – (5) “Ele organizou uma igreja e escolheu Presbíteros (líderes locais) para assumirem a liderança. (Atos 14.23; 19.1 – 20.35.)” – (6) Ele saiu da cidade e entrou em outra. (Atos 20.36-38.)”<sup>151</sup>

<sup>147</sup> STRAUCH, Alexander. **Biblical Eldership**: an urgente call to restore biblical church leadership. Littleton: Lewia & Roth, 2009, p. 1561-5296. (Ebook Kindle)

<sup>148</sup> STRAUCH, 2009, p. 1569-5296.

<sup>149</sup> STRAUCH, 2009, p. 1844-1853

<sup>150</sup> AKINS, Thomas Wade. **Evangelismo pioneiro**: implantação de novas igrejas auto-suficientes usando os métodos do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JMN, 1999, p. 25.

<sup>151</sup> AKINS, 1999, p. 26-26.

O ministério de Paulo era e é um exemplo a ser seguido (Fl 3:17). Paulo deixou um legado por onde passou, treinando e discipulando novos líderes para a igreja de Cristo. Treinou líderes para que estes também treinassem outros. Treinou líderes em seus próprios contextos, usando abordagens diferentes em cada situação e contexto local. Durante seu ministério de proclamação aos gentios, Paulo capacitava liderança para o futuro. Visto a necessidade de líderes no momento em que se encontra a igreja atual, é de suma importância analisar as estratégias paulinas para o desenvolvimento de lideranças saudáveis e também alertar os líderes para encarar a vida ministerial como uma oportunidade de capacitar outros que sejam capazes de ensinar e a fazer o mesmo enquanto anunciam as boas novas de Salvação. Uma vida de discipulado, deixando um exemplo a ser seguido, como tanto Paulo quanto Cristo deixaram (1 Co 11.1).

### III - A FORMAÇÃO E PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS AUTÓCTONES

Depois de ver que o apóstolo Paulo praticava os princípios autóctones, ver-se-á agora a formação e prática dos mesmos. Desde os protestantes pioneiros, passando pela missão autóctone, até algumas organizações missionárias dos dias de hoje. Observando os esforços de grandes missionários e missiólogos e organizações missionárias. Trata-se de uma seleção de algumas missões escolhida pelo autor, não uma lista exaustiva.

#### 3.1 Estratégias protestantes pioneiras

##### 3.1.1 John Elliot (1604-1690)

John Elliot era um pastor puritano, nasceu na Inglaterra e estudou em Cambridge, onde se formou em 1622. Depois de ter servido como professor durante alguns anos, ele viajou para os Estados Unidos. Em 1631, chegou a Massachusetts, uma colônia que tinha dois anos de idade. Após ser pastor substituto por dois anos em Boston, Elliot aceita o chamado de uma igreja em Roxbury, a três quilômetros de Boston. Ele era “pacífico e os colonizadores aceitavam sua presença sem pensar muito” em evangelizar os nativos. De fato, “muitos habitantes da Nova Inglaterra, inclusive ministros, consideravam o aumento da porcentagem de mortes entre os índios, devido a doenças importadas da Europa, como o meio de Deus ‘limpar a terra’ para ‘seu povo’. Para eles, os índios eram um desagrado que atrasava a civilização.”<sup>152</sup>

Em 1644, apesar do “desânimo do governo colonial e dos líderes de sua própria igreja, ele começou a trabalhar com os Algonquins.”<sup>153</sup> John Elliot ‘extraiu’ os “Algonquins cristãos de suas casas e aldeias” e deslocou-os para ‘cidades de oração’, onde ficavam somente os já convertidos. Ele acreditava que, se os convertidos não deixassem suas aldeias, pela pressão familiar, negariam “sua nova fé e retornariam à sua antiga religião”. Alguns missionários na África também praticaram a extração, porém por motivos de segurança física em relação aos muçulmanos.<sup>154</sup>

Elliot usou essa forma de governo baseada no plano de Jetro, em Êxodo 18.21. Por meio deste plano, a cidade foi “dividida em grupos de dez, cinquenta e cem pessoas, cada divisão administrada por uma pessoa adulta. Em 1644, começou a aprender a língua deles e, em 1646, iniciou a evangelização. Seu ministério foi lento, mas em 1671 ele havia juntado cerca de 1.100 índios em 14 cidades, chamadas ‘cidades de oração’. A “civilização do homem

---

<sup>152</sup> TUCKER, Ruth. “...até aos confins da TERRA.”: uma história biográfica das missões Cristãs. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 88-89.

<sup>153</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 81.

<sup>154</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 82.

branco” virou padrão e eles deveriam adequar-se ao padrão. Para Elliot, o cristianismo verídico não muda somente a mente e o coração, mas muda também a cultura e o estilo de vida. Este princípio pode ser considerado uma deficiência grande em seu ministério.<sup>155</sup> Mas, apesar disso, Elliot usou de estratégias muito boas.

Entre elas, destaca-se: (1) O trabalho em equipe: Ele pediu ajuda a amigos ministros e juntos decidiram que o estabelecimento de uma igreja seria adiado, até que os indígenas fossem aptos para assumir as responsabilidades e cargos da igreja; (2) Ele percebeu que, para que os indígenas alcançassem maturidade espiritual, precisariam “ler estudar a Bíblia em sua própria língua”. Desta forma, em 1649 começou o trabalho de tradução e, em 1663, terminou o trabalho de tradução de toda a Bíblia. Ele foi criticado por gastar tanto tempo em tradução, ao invés de ensinar inglês ao povo; (3) Eliot “concentrou-se cada vez mais no treinamento de líderes índios”. Em 1660, mesmo sem a tradução completa da Bíblia, já havia 244 índios treinados como “evangelistas para ministrar ao seu próprio povo e várias igrejas tinham ministros indígenas ordenados”.<sup>156</sup>

### 3.1.2 Os Morávios (1732)

As igrejas morávias iniciaram sua relação com “missões mundiais em 21 de agosto de 1732. Nos 150 anos posteriores, este movimento, centrado na comunidade morávia original em Herrnhut, na Saxônia, Alemanha, enviou um total de 2.158 missionários”.<sup>157</sup> O fundador, Conde Nikolaus Von Zinzendorf, era “membro da nobreza alemã. Sua avó pietista levou-o para estudar em Halle, Dinamarca. Mais tarde, Zinzendorf tornou-se o líder da Igreja Moravia”.<sup>158</sup>

Zinzendorf instigou os morávios a envolver-se em missões. Após um tempo de oração, entraram em acordo.<sup>159</sup> No decorrer do século XVIII, somente os morávios fundaram trabalhos missionários nas “Ilhas Virgens (1732), Groenlândia (1733), América do Norte (1734), Lapônia e América do Sul (1735), África do Sul (1736) e Labrador (1734). Entre 1732 e 1760 a “igreja de 600 membros enviara 226 missionários”, uma proporção de envio de um missionário a cada doze membros.<sup>160</sup>

<sup>155</sup> TUCKER, 1996, p. 91.

<sup>156</sup> TUCKER, 1996, p. 92.

<sup>157</sup> TIPLADY, Richard. **Os Morávios: comunidade, espiritualidade e missão.** In: TAYLOR, William D. **Missiologia Global para o século XXI: A Consulta de Foz do Iguaçu.** Londrina: Descoberta, 2001, p. 689.

<sup>158</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 83.

<sup>159</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 83.

<sup>160</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 83.

As raízes do grupo morávio “serão encontradas no pietismo”. E alguns princípios que podem ser aprendidos sobre missões com os morávios são: (1) Os missionários são leigos – “ênfase sobre a ideia de que todo cristão é um missionário e deve testemunhar através de sua vida diária”; (2) Todos os missionários devem se autossustentar - Foi um aspecto que possibilitou um grande número de missionários. Faziam missões, enquanto exerciam sua profissão. Hoje alguns chamam estes de Fazedores de tenda;<sup>161</sup> (3) Os missionários precisam aprender a cultura e língua local;<sup>162</sup> (4) Os missionários precisam fazer a tradução da Bíblia para o idioma local; (5) Os missionários devem envolver-se com evangelismo pessoal e não em massa; (6) Os missionários devem estabelecer igrejas locais o quanto antes, e essas igrejas devem ser autônomas;<sup>163</sup> (7) Consciência de Martírio: os missionários precisam procurar os lugares mais difíceis e pregar Cristo crucificado e nada mais – Ênfase na cristologia; (8) Contextualização – ‘se a maior necessidade do pagão for uma agulha, então devemos chamar nosso Salvador de agulha’.<sup>164</sup>

### 3.1.3 Willian Taylor Carey (1761-1834)

Historiadores intitulam Willian Carey de “Pai das Missões Modernas”. Este apelido não é em vão, e lhe cabe muito bem. Não foi o “primeiro missionário protestante estrangeiro”, mas foi o primeiro que divulgou e “popularizou missões”. Seu exemplo inspirou cristãos europeus e da América do Norte a acolher missões. Em 1792, Willian Carey elaborou “duas coisas para o Movimento das Missões Modernas.” Uma foi a publicação de um panfleto chamado de “Inquérito sobre a obrigação dos Cristãos de usar meios para a proteção dos pagão”. E o outro foi um sermão pregado “nas missões na reunião anual da Associação Batista de Northampton, na Inglaterra.”<sup>165</sup>

Este sermão incentivou tanto o público, que logo formaram a Sociedade Missionária Batista, pela qual Carey se dispôs a ir à Índia como missionário. Em 1793, ele e sua família velejaram para a lá, passaram por muito sofrimento nos primeiros anos, inclusive a morte de um dos seus filhos.<sup>166</sup> Após um tempo, em 1799, Hannah Marshman e William Ward juntaram-se a Carey. Juntos, eles organizaram uma “estação missionária em Serampore, uma colônia dinamarquesa ao norte de Calcutá.” Esta estação criou uma “imprensa de impressão, fundou um colégio Serampore” e plantou diversas igrejas. Carey é um exemplo, pois ele organizou

<sup>161</sup> TUCKER, 1996, p. 72.

<sup>162</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 84

<sup>163</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 83-84.

<sup>164</sup> TIPLANDY, 2001, p. 692.

<sup>165</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 85.

<sup>166</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 85.

igrejas na Índia, e “não uma missão”.<sup>167</sup> O alvo de Carey era principalmente treinar os “líderes nacionais para dirigir as igrejas. Também se preocupava com o amor, a igualdade e a justiça social.”<sup>168</sup> Segundo Burns, o grupo Serampore comenta:

‘outra parte do nosso trabalho é a formação de nossos irmãos nativos para a utilidade, promovendo todo tipo de inteligência e estimando cada dom e graça presente neles, dificilmente podemos ser tão pródigos de nossa atenção para a sua melhoria. É apenas por meio de pregadores nativos, podemos esperar a disseminação universal do Evangelho através deste imenso continente.’<sup>169</sup>

As estratégias adotadas por Willian Carey e seus companheiros em relação a missões mundiais eram: (1) Os missionários precisam estudar a cultura e língua das pessoas que são alvo missionário; (2) Os missionários devem buscar entender as “crenças religiosas” das pessoas que são alvo missionário. (3) Os missionários devem dar “prioridade à tradução da Bíblia para o idioma” das pessoas que são alvo missionário; (4) Os missionários devem treinar líderes nacionais e entregar-lhes o governo da igreja o mais cedo possível; (5) Trabalho em equipe: Carey não trabalhava sozinho, mas trabalhava com uma equipe missionária. As equipes podem diminuir sofrimentos, solidão e juntar esforços, ideias e diferentes dons para o avanço do Evangelho;<sup>170</sup> (6) Os missionários estrangeiros “nunca devem fazer mais do que dar uma pequena contribuição para a realização do trabalho”, e devem ser fundados ministérios locais; para ele, “está é a maior consideração missionária”;<sup>171</sup> (7) Fundou um colégio na Índia, a fim de treinar os pastores indianos.<sup>172</sup>

Estas ideias de Carey expandiram-se em vários lugares, inclusive foi publicado em uma revista de Londres, em 1817, o seguinte parágrafo:

A igreja cristã deve dar o impulso, e deve continuar a enviar seus missionários para manter e ampliar esse impulso; Mas, tanto no que diz respeito aos fundos quanto aos professores, uma grande parte da obra será, sem dúvida, encontrada, em última instância, surgindo de entre os próprios pagãos, que, pela graciosa influência que acompanha a vontade que ele

<sup>167</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 85.

<sup>168</sup> Burns, Barbara. **Contextualização e missão**. São Paulo: Faculdade Batista de São Paulo, 1996. p. 28. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

<sup>169</sup> "Another part of our work is the forming of our native brethren to usefulness, fostering every kind of genius, and cherishing every gift and grace in them; in this respect we can scarcely be too lavish of our attention to their improvement. It is only by means of native preachers we can hope for the universal spread of the Gospel through this immense continent". (trad. do autor) *Apud*. Burns, 1996, p. 28. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>> acesso: 02.06.2017>. Acesso em: 26 jun. 2017.

<sup>170</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 85.

<sup>171</sup> SHELLEY, 2004, p. 418.

<sup>172</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 85p

trouxe para apoiar, como a igreja cristã tem aqueles Evangelistas que Deus, pelo Seu Espírito, invocará dentre eles.<sup>173</sup>

Segundo Barbara Burns, “após o Iluminismo, tudo se confundiu”. A época da razão resultou em consequências para missões. Segundo a autora, tais consequências são: “confundiram amor com paternalismo”. Os povos são considerados crianças (resultado da industrialização, do iluminismo e do evolucionismo). Também “confundiram cristianismo com a cultura” anglo-saxônica ou germânica (assim como os missionário católicos misturaram o cristianismo com a cultura de Portugal e Espanha). Transmitindo a cultura agregada ao Evangelho, julgaram pobreza como resultado de pecado, cultura como sendo má, sinal de inferioridade.<sup>174</sup>

Outro aspecto era a motivação mista. A motivação das missões era evangelizar, incrementar o comércio, melhorar a sociedade, plantar igrejas, obedecer à Palavra com compaixão e amor. Além disso, foram desenvolvidas “aldeias cristãs”, pois o modelo de John Eliot foi levado adiante, para outras áreas. Os convertidos precisavam aprender inglês, as características de sua cultura eram rejeitadas. Em muitas ocasiões, o “missionário controlava tudo, pagava tudo, construía tudo, dirigia tudo, decidia tudo, mesmo quando tinha líderes nacionais, geralmente os missionários se reuniam separadamente e tomavam as decisões principais.”<sup>175</sup>

### 3.2 Estratégias Autóctones

A partir do século XIX, em meio à discussão entre a “ligação entre o ‘Cristianismo,’ ‘civilização,’ e ‘Milenianismo’ (esperança da cumprimento do propósito de Deus), algumas estratégias foram levantadas. Dentre elas, a “Igreja Indígena”, ou chamada autóctone, foi a mais reconhecida e que se tornou o conceito de que emergiu o movimento missionário moderno.<sup>176</sup>

#### 3.2.1 Henry Venn (1796-1873) / Rufus Anderson (1796-1880)

<sup>173</sup> The Christian church must give the impulse, and must long continue to send forth her missionaries to maintain and extend that impulse; but, both with respect to Funds and Teachers, a vast portion of the work will doubtless be found ultimately to arise from among the heathen themselves; who, by the gracious influence which accompanies the Gospel, will be brought gladly to support, as the Christian Church has ever done, those Evangelists whom God, by His Spirit, will call forth from among them. (Trad. do autor). *Apud.* BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 28.

<sup>174</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em 26 jun. 2017, p. 28.

<sup>175</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em 26 jun. 2017, p. 28.

<sup>176</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 28.

Henry Venn era missionário da Igreja Anglicana, e Rufus Anderson missionário da Junta Americana de Comissários para Missões Estrangeiras. Ele criou o termo “igreja indígena”, a partir da metade do século XIX. Eles aprimoraram suas estratégias, à parte, particularmente, porém depois uniram suas estratégia por meio de correspondência. Eles foram os primeiros a se manifestar sobre a relação do Cristianismo com o “Imperialismo Ocidental”.<sup>177</sup>

Serviram como missionários e estudaram a estratégia do Apóstolo Paulo, através da “narrativa bíblica”.<sup>178</sup> A estratégia deles consistia nas seguintes premissas: (1) Eles defenderam o plantio de igrejas dos três autos, que pudessem sustentar-se, tomar as próprias decisões e evangelizar a região à sua volta. As igrejas deveriam ser autônomas e nativas; (2) Eles ensinaram os missionários a treinar os líderes locais e entregar-lhes o governo da igreja o mais rápido possível; (3) Eles entendiam que os missionários deveriam ser evangelistas e não pastores das igrejas, deveriam ser “trabalhadores temporários” e depois partir a outro local;<sup>179</sup>

Algumas observações em particular sobre Henry Venn. Os dados abaixo foram destacados por Samuel Esperandio, em sua pesquisa de mestrado em missiologia: (1) Venn era “filho do fundador da Church Missionary Society (CMS) de Londres, a primeira sociedade missionária da Igreja Anglicana”. Ele foi secretário desta instituição nos anos de 1841-1873; (2) Foi crítico em relação à “escravidão negra” e instigou o envolvimento político dos missionários; (3) Fez escolas na África, a fim de que os nativos se transformassem em líderes do trabalho missionário; (4) Ofereceu bolsas de estudos aos novos convertidos, e para isso, utilizou de seus próprios fundos, fato que rendeu, posteriormente, críticas, acusando-o de “perpetuar a dependência teológica nas novas igrejas”; (5) Algumas pessoas acreditavam “que ‘agências nativas deveriam estar sob superintendência europeia’, outros, que ‘ministros nativos deveriam estar sob a orientação de agências nativas’, mas ele propôs e agiu” de maneira que os europeus e nativos estivessem associados no trabalho missionário.<sup>180</sup>

Algumas observações citadas pelo mesmo autor, em particular sobre Rufus Anderson: (1) Anderson foi representante do American Board of Commissioners for Foreign Missions (Congregacional/USA) de 1826 -1866; (2) Ele foi o “administrador de missões que mais trabalhou com a estratégia dos ‘três autos’ em toda a obra missionária norte americana no século

<sup>177</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 30.

<sup>178</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 104-105.

<sup>179</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 105.

<sup>180</sup> ESPERANDIO, 200, p. 25.

XIX; (3) Um de seus ensinamentos é de que as missões servem para disseminação das Escrituras; (4) Proibiu o envolvimento político dos missionários, entre muitos outros ensinamentos.<sup>181</sup>

### 3.2.2 John Livingstone Nevius (1829-1893)

John L. Nevius converteu-se em 1849, casou-se em 1853 e “estudou no Seminário Princeton (USA)”.<sup>182</sup> Foi “missionário presbiteriano da China, que conhecia os “princípios indígenas de Venn e Anderson” e foi além, desenvolvendo ainda mais os princípios por eles criados.<sup>183</sup> Ele encontrou-se insatisfeito com a “estratégia da sua igreja”, de contratar obreiros e evangelistas e pagá-los, gerando dependência. Portanto elaborou novas estratégias, em que “dispensava esta primeira etapa dos missionários construírem e formar as igrejas para depois colocar liderança local.”<sup>184</sup>

Em resumo, desenvolveu sua estratégia por meio de dois princípios: estudo profundo e sistemático da Bíblia e “independência econômica”. Publicou o livro *Planting and Development of Missionary Churches* em 1885. Em 1890, esteve na Coreia, onde deixou suas ideias, que se tornaram base para o crescimento de igrejas.<sup>185</sup> Tais ideias são: (1) Os cristãos precisam continuar a “viver em seus bairros e prosseguir suas ocupações, serem autossuficientes e testemunhar a seus colegas de trabalho e vizinhos”. Cada crente é um missionário onde vive; (2) As missões precisam criar apenas instituições e programas que a “igreja nacional deseja e pode apoiar;<sup>186</sup> (3) As “igrejas nacionais devem chamar e apoiar seus próprios pastores”; (4) As construções da igreja devem ser no estilo nativo e com o material e dinheiro conseguido pelos integrantes da igreja. Só podem ser estabelecidas estruturas e métodos da proporção que as pessoas do local possam manter e adquirir responsabilidade sobre os mesmos;<sup>187</sup> (5) Cada igreja deve ser independente da missão; (6) Estudos doutrinários e bíblicos intensivos devem ser oferecidos anualmente aos líderes das igrejas nativas; (7) Os crentes ensinam uns aos outros – Cada crente trabalha conforme seus dons; (8) Os missionários, não deve ser pastor, mas, como itinerante, deve preparar pastores nativos; (9) A própria igreja

<sup>181</sup> ESPERANDIO, 200, p. 27.

<sup>182</sup> ESPERANDIO, 2001, p. 30.

<sup>183</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 105.

<sup>184</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>. Acesso em 26 jun. 2017, p. 31.

<sup>185</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 31.

<sup>186</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 105.

<sup>187</sup> TERRY, In: PLUMMER; TERRY, 2012, p. 165-166.

é quem escolhe entre os seus, que será o líder, quem eles podem sustentar;<sup>188</sup> Hoje, vários historiadores observam que grande parte da “força do cristianismo coreano” deve-se ao plano de Nevius.<sup>189</sup>

### 3.2.3 Roland Allen (1868-1947)

Roland Allen foi missionário anglicano na China, de 1892 a 1904. Assim como Nevius, Allen criou métodos utilizados pela maioria dos missionários chineses. Ele comunicou suas ideias em duas obras: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours? (1912)* e *The Spontaneous Expansion of the Church and the causes which hinder it (1927)*. Allen estava frustrado por causa do lento progresso dos missionários no mundo. Propôs o retorno aos métodos do apóstolo Paulo, que plantou diversas igrejas em pouco tempo.<sup>190</sup>

Olhando o sofrimento dos movimentos da igreja controlados por missionários, ele apresentou à liderança missionária o seguinte: “Se a igreja deve ser autóctone, precisa brotar no solo a partir das primeiras sementes plantadas”.<sup>191</sup> Ele defendia a dependência no Espírito Santo através do crescimento espontâneo da igreja, e não da dependência da missão ou do dinheiro investido pelas missões. Allen observou que nenhuma igreja era independente, mas as missões eram dependentes e pediam dinheiro para os mesmos projetos que foram estabelecidos há 50 anos atrás.<sup>192</sup>

Allen defendeu que o financiamento das missões causa muitos problemas. Entre eles, cita: “Intromissão estrangeira” ou “domínio de fora”; relação com bens materiais; conceito errado sobre missões; dependência, entre outros.<sup>193</sup> Sua estratégia, desenvolvida a partir do estudo dos métodos de Paulo, são: (1) O conhecimento passado aos nativos deve ser compreendido facilmente, para que eles também possam transmiti-lo a outros;<sup>194</sup> (2) deve-se criar instituições que os cristãos nacionais tenham condições de mantê-las. Por Allen, os esforços na China tornaram-se institucionalizados. Existiam estações de missões, orfanatos, faculdades, seminários, centros de treinamento, hospitais, etc. Allen questionou, se havia a

<sup>188</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 31-32.

<sup>189</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 105.

<sup>190</sup> OTT, 2013, p. 79-80.

<sup>191</sup> OTT, 2013, p. 80.

<sup>192</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 32.

<sup>193</sup> BURNS, Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualizacao-e-Missoes>>. Acesso em: 26 jun. 2017, p. 32.

<sup>194</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 106.

necessidade destas organizações, e se os nativos teriam condições de mantê-las; (3) As finanças devem ser controladas e fornecidas pelos membros locais; (4) Os cristãos precisam fornecer culto pastoral um para o outro, e não confiar apenas no missionário; (5) Missionários precisam fornecer autoridade espiritual de maneira livre aos os cristãos. O Espírito Santo concedeu dons necessários a todos os membros da igreja.<sup>195</sup>

Os missionários que não aceitam retirem-se do controle das igrejas para fornecer aos nativos. Seu domínio está sendo um obstáculo para que a igreja cresça. Muitos missiólogos do século XX foram influenciados por Allen, até mesmo Donald McGavran, “o fundador do Movimento de Crescimento da Igreja”.<sup>196</sup>

### **3.2.4 Alan Tippett (1911-1988)**

Quando Donald McGavran iniciou seu movimento e fundou o Seminário Teológico da Escola de Missão Mundial Fuller (1965), Alan Tippett foi um dos professores admitidos por McGavran no início da instituição. Tippett foi missionário na Austrália e ampliou os princípios dos três autos, de Venn e Anderson. Ele sugere seis autos de uma igreja com caráter indígena.<sup>197</sup>

Segundo Terry e Payne, estas seis sugestões são: (1) Autoimagem: A igreja enxerga-se como independente em relação a missão, ou seja, Autoindentidade. Ela atua em seu local como igreja de Jesus Cristo.<sup>198</sup> (2) Autofuncionamento: A igreja é apta a praticar todas as funcionalidades normais. Ex: Adoração, missão e evangelismo, ministério e comunhão, discipulado, sem que os missionários estrangeiros precisem ajudar; (3) Autogoverno: A igreja nativa decide por si própria, ou seja, ela é autônoma. A igreja não precisa do missionário para realizar as decisões por eles. Desta maneira, a igreja submete-se à Bíblia e ao Espírito Santo para tomar as decisões. Tippett, refletindo Venn dizendo que “a missão deve morrer para a igreja nascer”.<sup>199</sup> Ou seja: à medida que a tarefa missionária é concluída, ali a missão acaba, e nasce uma igreja, que dará continuidade à obra de Jesus Cristo através do Espírito Santo; (4) Autossustento: A igreja possui suas próprias obrigações financeiras a fim de financiar os serviços e projetos. Dízimos fornecidos pelos membros e não do exterior; (5) Autopropagação: A igreja nativa julga-se responsável no tocante à Grande Comissão. A igreja se dispõe com alegria, a participar de missões e evangelismo, tanto local, quanto internacional e nacional; (6) Autoentrega: Uma igreja nativa entende a realidade e as necessidades a sua volta, tanto sociais

<sup>195</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 106-107.

<sup>196</sup> “the founder, of the church Growth Movement”. (Trad. do autor). TERRY; PAYNE, 2013, p. 107.

<sup>197</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 107.

<sup>198</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 107.

<sup>199</sup> “the mission must die for the church to be born”. (Trad. do autor). (TERRY; PAYNE, 2013, p. 108.)

e espirituais. Nesta, a igreja despõe-se diligentemente a ministrar, baseada nestas necessidades.<sup>200</sup>

O sétimo Auto, não encontrado em todos os pensadores anteriormente citados, é a “Autoteologia”<sup>201</sup>; esta, por sua vez, foi desenvolvida por Paul Hiebert, nos últimos anos. Ela busca interagir com a cultura onde é empregada. A Autoteologia é uma teologia própria da nação. Como já foi dito, a igreja nativa entende a realidade e necessidades à sua volta, e a partir disso busca esclarecer, à luz da Bíblia estas necessidades. Não se fala aqui de pluralismo e relativismo teológico, apenas não se pode ser etnocêntricos, na teologia sistemática. Esta precisa conversar mais com a Bíblia e sua relação com a cultura em jogo.<sup>202</sup>

### 3.3 Estratégias cristã do século XX-XXI

#### 3.3.1 HAGGAI (1969)

**Fundador:** John Edmund Haggai, em seus 66 anos de atividade, dirigiu quatro igrejas, fez cruzadas evangelísticas e estabeleceu um programa de liderança avançada, que já formou 90.000 alunos, em 186 países. Já percorreu 103 vezes ao redor do mundo e teve encontros com presidentes de vários países. Ele nasceu em Louisville, Kentucky, em 27 de fevereiro de 1924. Formou-se no Instituto Bíblico Moody e na Universidade de Furman. Também já recebeu quatro doutorados honorários, dentre outros prêmios.<sup>203</sup>

**Visão:** Que o Evangelho seja exposto, no poder do Espírito Santo, com o objetivo bíblico e também de sensibilidade cultural, às nações, principalmente aos povos não evangelizados.<sup>204</sup>

**Missão:** O Instituto Haggai tem como objetivo preparar lideranças cristãs da América Latina, África e Ásia, para que eles evangelizem com maior eficiência seu próprio povo e capacitem outros a fazer o mesmo.<sup>205</sup>

**Estratégia:** O Intituto Haggai dedica-se (1) **treinamento de líderes** e religiosos e profissionais competentes, que sejam confiáveis e de credibilidade, que façam parte da áreas geográficas planejadas, inclusive os países fechados aos trabalhos missionários tradicionais; (2) Seleciona professores cristãos que sejam especialistas em suas áreas de atividade e atuantes no

<sup>200</sup> TERRY; PAYNE, 2013, p. 108.

<sup>201</sup> “AUTOTEOLOGIA”: Veja mais em: HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas:** um guia de antropologia missionária. Trad. de Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 193-225.

<sup>202</sup> HIEBERT, 2001, p. 193-198.

<sup>203</sup> **BIOGRAFIA de Dr Haggai.** Disponível em: <<https://haggai.com.br/sobre/historia>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>204</sup> **NOSSA visão.** Disponível em: <<https://haggai.com.br/sobre/visao>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>205</sup> **NOSSA Missão.** Disponível em: <<https://haggai.com.br/sobre/visao>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

evangelismo; (3) Estimula seus professores a produzir materiais criativos, que sejam culturalmente relevantes, dentro de certas normas curriculares; (4) Crê na multiplicação da liderança, por esta razão motiva seus alunos a melhorarem as qualidades de outros líderes cristãos, repassando o que aprenderam, com o propósito de produzir o crescimento de evangelização; (5) Possui comportamento não paternalista em seu ministério. Desta forma, não patrocina os ministérios de seus alunos e incentiva-os a aplicar seus recursos ministeriais em seus próprios países, utilizando princípios bíblicos de administração cristã e finanças.<sup>206</sup>

### 3.3.2 Ramesh Richard Evangelism and Church Health (REACH-1987)

**Fundador:** Dr. Ramesh Richard obteve ThD em Teologia Sistemática do Dallas Theological Seminary e PhD em Filosofia da Universidade de Delhi. Além de operar como presidente da RREACH, ele trabalha como Professor de Engajamento Teológico Global e Ministérios Pastorais no Seminário Teológico de Dallas.<sup>207</sup>

**Visão:** RREACH presume mudar a forma que 1 bilhão de pessoas ouvem e pensam sobre Jesus Cristo, para a glória do Deus Trino.<sup>208</sup>

**Missão:** Um ministério de anúncio global, RREACH contribui para o dom e chamado de Deus na vida de Ramesh Richard, para divulgar Jesus Cristo ao mundo todo.<sup>209</sup>

**Estratégia:** Apressar a influência global, através da utilização sábia do anúncio pessoal, publicação de mídia, e treinamento de liderança, fortificar líderes pastorais, evangelizar líderes de opiniões e alcançar pessoas, principalmente na África, Ásia e América Latina.<sup>210</sup>

*Proclamação pessoal:* RREACH recebe eventos em que os líderes de opinião descrentes escutam Richard palestrando temas sobre a vida.<sup>211</sup>

*Publicação de mídia:* A RREACH utiliza de mídias sociais e tecnológicas para fornecer conversas espirituais ao públicos conectados, estas conversas são na língua inglesa. Ela procura, em especial, capacitar os líderes de opinião, pois eles têm influência no meio em que vivem. E podem impactar suas esferas influenciando educação, governo, profissões e negócios.<sup>212</sup>

*Treinamento de Liderança:* A Comissão de Proclamação Global (GProCommission) é uma estratégia de Richard com a finalidade de treinar uma grande quantidade de líderes

<sup>206</sup> **NOSSA Estratégia.** Disponível em: <<https://haggai.com.br/sobre/visao>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>207</sup> **DR Rimesh Richard.** Disponível em: <<http://rreach.org/dr-ramesh-richard>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>208</sup> **VISION.** Disponível em: <<http://rreach.org/visionmissionstrategy>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>209</sup> **MISSION.** Disponível em: <<http://rreach.org/visionmissionstrategy>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>210</sup> **STRATEGY.** Disponível em: <http://rreach.org/visionmissionstrategy>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>211</sup> **PERSONAL proclamation.** <Disponível em: <http://rreach.org/personalproclamation>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>212</sup> **MEDIA Outreach.** Disponível em: <<http://rreach.org/media-outreach>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

pastorais, principalmente da África, Ásia e América Latina, equipando-os para viver, pensar e pregar biblicamente. Existem três modos de eventos para o preparo dos pastores: a Academia Global de Proclamação de Dallas (GPA), o Congresso Global de Proclamação para Instrutores Pastorais, e os GPA nacionais. Estes projetos foram criados para fortalecer os pastores nativos de diversos países, para que eles possam voltar a sua própria nação e transmitir o conhecimento aprendido aos líderes nacionais.<sup>213</sup>

A Dallas Global Proclamation Academy (GPA) é um treinamento anual com duração de três semanas intensivas, com a finalidade de fortalecer e unir 25 líderes pastorais de 25 nações. Este curso acontece no Dallas Theological Seminary, sempre em junho. O curso é ministrado por mestres de reconhecimento mundial, que treinam o grupo escolhido em discernimento teológico, espiritualidade bíblica e pregação expositiva.<sup>214</sup> Nos GPAs nacionais estes 25 pastores evangélicos, escolhidos de diversas denominações e regiões dentro de um país e que foram treinamento no GPA Dallas, passam o conhecimento aprendido no Dallas aos nativos de seu país.<sup>215</sup> Já a Global Proclamation Commission tem como missão proporcionar 100 mil pastores a mais e treinados até 2020, contribuindo com uma visão de saúde espiritual a uma população de 1 bilhão de pessoas até 2030.<sup>216</sup>

### 3.3.3 Heart Cry Missionary Society (1988)

**Fundador:** Paul Washer converteu-se durante seus estudos na Universidade de Texas. Depois matriculou-se no Southwestern Theological Seminary onde obteve mestrado em Divindade. Após se formar, tornou-se missionário no Peru durante dez anos. Neste período, fundou a Heart Cry, com objetivo de apoiar os irmãos peruanos.

**Visão:** A Sociedade Missionária HeartCry começou no Peru com o objetivo de ajudar missionários indígenas ou nativos a alcançar seus próprios povos e estabelecer igrejas bíblicas entre eles. Desde a iniciativa, o Senhor expandiu o alcance da HeartCry à América Latina, África, Ásia, Eurásia, Europa e Oriente Médio. O objetivo da Sociedade é facilitar o progresso dos missionários indígenas pelo mundo todo. A Sociedade apoia hoje cerca de 238 famílias missionárias em 41 países.<sup>217</sup>

<sup>213</sup> **MINISTRY Training.** Disponível em: <http://rreach.org/ministry-training>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>214</sup> **DALLAS GPA.** Disponível em: <http://rreach.org/dallas-gpa>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>215</sup> **NACIONAL GPA.** Disponível em: <http://rreach.org/national-gpa>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>216</sup> **PASTORAL Trainers Congress.** Disponível em: <http://rreach.org/global-proclamation-pastoral-trainers-congress>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

<sup>217</sup> **MISSION Statement.** Disponível em: <http://www.heartcrymissionary.com/mission-statement>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

**Missão:** A Sociedade existe para a glória de Deus por meio da fundação de igrejas bíblicas, mobilizando e equipando missionários indígenas e igrejas em áreas menos evangelizadas. Ela trabalha como facilitadora e parceria “entre as igrejas autônomas e doadores individuais no Ocidente”. O chamado específico desta sociedade é promover a “formação e envio de missionários para o estabelecimento de igrejas maduras, autônomas e locais.”<sup>218</sup>

**Estratégia:** Missão Autóctone: Esta estratégia atua por meio de missionários nativos. Um bom exemplo é: “uma agência missionária norte-americana que presta apoio a um missionário romeno para trabalhar na Romênia entre seus próprios habitantes.” A estratégia indígena “reconhece o valor e a utilidade deste grande corpo de crentes nativos e procura proporcionar o treinamento e o apoio financeiro necessários para eles alcançar seu próprio povo.”<sup>219</sup> O HeartCry existe para fornecer apoio a missionários indígenas e igrejas neste trabalho. Sua estratégia constitui-se de quatro aspectos principais: apoio financeiro, discriminação de literatura, treinamento teológico e suprimento de ferramentas necessárias para ajudar no término da Grande Comissão.<sup>220</sup>

Todas estas organizações missionárias mudaram o foco, em relação as outras organizações já existentes. Elas entenderam que “a força missionária mais eficaz que existe é aquela que já pertence a uma certa cultura, ou seja, é uma força composta pelos próprios membros daquele país.” Pois eles conhecem bem a sua própria língua, cultura, se recebem atenciosamente, não precisam de visto nem sofrem choque cultural, já compreendem a cultura e não precisam de cursos neste sentido. Mas são equipados para “desenvolver abordagens racionais e bíblicas para todos os desafios evangelísticos do seu próprio povo.” Eles sabem transmitir o “evangelho dentro de uma cultura com sistemas de casta, poligamia, adoração de ancestrais, proibições dietéticas, etc.”<sup>221</sup>

O missionário autóctone também passarão a sua vida toda no país em questão, fato que na maioria dos casos não acontece com os missionários estrangeiros, pois ficarão quando muito, no máximo 10 ou 15 anos. Sem falar no rendimento e satisfação maior de uma pessoa em seu próprio “habitat” perto de seu círculo de amizade onde exercem mais influência. Apesar de tudo, os custos financeiro e burocracia dos missionários autóctones são muito baixo em relação

<sup>218</sup> **MISSION Statement.** Disponível em: <<http://www.heartcrymissionary.com/mission-statement>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

<sup>219</sup> **COMPARATIVE Strategies.** Disponível em: <<http://www.heartcrymissionary.com/comparative-strategies>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

<sup>220</sup> **CAMPARATIVE Strategies.** Disponível em: <<http://www.heartcrymissionary.com/comparative-strategies>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

<sup>221</sup> **PRESSUPOSIÇÕES metodológicas.** Disponível em: <<https://haggai.com.br/sobre/filosofia>>. Acesso em 16 jun. 2017.

aos missionários estrangeiros que são enviados. Portanto, através deste exemplo, percebe-se a importância da liderança autóctone para o avanço do Evangelho entre as nações.

## CONCLUSÃO

Este trabalho abordou a importância do cultivo de liderança e igrejas autóctones nos trabalhos missionários. O primeiro capítulo demonstrou que o conceito e a perspectiva estratégica de missão herdou certas características do cristianismo do século XVI, que persistem, em alguns casos, até os dias de hoje. A Missão inicialmente era feita pelo rei, depois passou a ser organizada pelas agências missionárias, mas hoje percebe-se que a missão é de Deus, o qual nos convida a participar dela, enviando-nos não apenas a um território específico, mas a diversas tarefas, de acordo com sua vontade. Deus nos chamou para fazermos discípulos Dele e não discípulos nossos. Iguais a Ele e não iguais a nós.

Foi abordado historicamente que o Evangelho estava em segundo plano para os colonizadores, e a imposição da cultura do missionário agregada um Evangelho passado aos nativos e a falta de contextualização teológica, causou sincretismo e nominalismo religioso no povos “evangelizados”. Parece que a melhor forma de contextualização seja através da Autoctonia das igrejas e uma boa contextualização teológica através dos pastores autóctones.

Conclui-se que muitos missionários antigamente foram formados para substituir os missionários estrangeiros e não capacitados com a visão de formar missionários autóctones no campo missionário. As consequências pela não valorização do povo autóctone pelas expansões e a mesma atitude por algumas agências posteriormente, não os incumbindo a liderar as novas igrejas, gerou certo paternalismo e não valorização dos líderes autóctones. Esta não valorização resultou na falta de liderança pastoral, globalmente falando. O sistema se esgotou, as agências não dão conta de enviar, manter e treinar missionários suficientes para pastorear a igreja. É preciso, portanto, buscar a valorização e capacitação de líderes autóctones para que estes possam evangelizar entre o seu povo.

O segundo capítulo tratou das estratégias do apóstolo Paulo, e percebe-se que Paulo plantava igrejas e não missões. Paulo plantava igrejas e instituía líderes autóctones para serem os ministros locais e partia para outra região, a fim de plantar novas igrejas. Mesmo dando atenção ao trabalho pioneiro, Paulo ainda dava atenção, enviava cartas, fazia visitas e treinamento de liderança nas igrejas até então plantadas.

Paulo também trabalhava em equipes e delegava funções a elas. Estas equipes também eram treinadas para que pudessem também treinar outros líderes leigos. Ele não se

considerava superior aos Presbíteros, pelo contrário, ele tinha um relação de respeito mútuo com eles. Também criou este espírito de respeito mútuo onde todos mantinham uma relação de professor-aluno em algum grau. O apóstolo deixou um exemplo a ser seguido, um legado, aos novos líderes. E nos ensina que líderes precisam desenvolver outros líderes capazes de ensinar a outros também. Paulo foi um bom líder, e além de tudo um exemplo a ser seguido. Como líderes, precisamos resgatar este estilo de vida de discipulado e dedicação na formação de liderança através do nosso exemplo e vida.

Precisa-se, portanto, deixar a maneira paternalista de fazer missões e voltar os olhos para uma missão autóctone, que valoriza o missionário autóctone, desta forma promovendo o treinamento e capacitação dos líderes autóctones, para que estes proclamem o Evangelho em seu próprios país. Pois já foram bem vistos os benefícios dos autóctones e, a partir disso entende-se que eles serão de grande valia as missões no século XXI, para a proclamação do Evangelho, multiplicação de liderança e plantação de igrejas às nações.

No capítulo final abordou-se exemplo de movimentos missionários que tentaram colocar em vigor os princípios autóctones. Neste capítulo percebe-se que todos os missionários e missiólogos estão de acordo em relação a importância de uma contextualização teológica e cultural, e também sobre a importância e eficiência de obreiros locais e do treinamento dos mesmos para o aperfeiçoamento dos Santos. Enxerga-se o esforço realizado por estes servos e a prioridade que eles tinham no treinamento de lideranças.

Podemos ver, também, que os missiólogos que botaram em prática os princípios autóctones defendem que os nativos não podem ser ajudados financeiramente, pois assim geraria dependência dos nativos aos estrangeiros. Mas, analisando o primeiro capítulo, podemos perceber que o dinheiro não é a causa da falta de liderança e do paternalismo, mas os erros teológicos, e antropológicos cometidos pelos missionários e as missões. Desta forma, bem como foi analisado no segundo capítulo, o apóstolo Paulo levou dinheiro à igreja de Jerusalém (Igreja autóctone) e ela continuou sendo uma igreja autóctone, nem por isso ela perdeu suas características. Portanto, missões autóctones podem ser sustentadas pelos estrangeiros, à medida de suas necessidades, até atingirem autonomia e, mesmo assim, serem igrejas autóctones. Desde que, é claro, os financiadores não interfiram nas decisões das igrejas pelo motivo de estarem a financiá-las. Mas deixe-as tomar suas próprias decisões juntamente com o Espírito Santo.

Portanto, constata-se que a liderança autóctone tanto teologicamente quanto em prática é eficaz e traz inúmeros benefícios para o avanço do Evangelho de forma saudável entre as nações. Também se percebe que ainda existe um vácuo na formação de líderes autóctones. Na

abordagem dos “autos”, especificamente os “sete autos”, não foi estudada a “autoteologia” nem os possíveis desvios doutrinários decorrentes de igrejas independentes e autóctones. Este assunto poderá ser abordado em um próximo trabalho, enfatizando a necessidade da hermenêutica no trabalho missionário.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Roland. **Missionary Methods: St Paul's or Ours?** Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1962.

ARAUJO, Felipe. **Colonialismo.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/história/colonialismo/>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

AKINS, Thomas Wade. **Evangelismo pioneiro:** implantação de novas igrejas auto-suficientes usando os métodos do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JMN, 1999.

**BÍBLIA DE ESTUDO NVI.** São Paulo: Vida, 2003. Atos 16.9-10.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Kornörfel e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora:** 5 princípios para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

BURNS, Barbara Helen. **Contextualização missionária:** desafios, questões e diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

\_\_\_\_\_. **Contextualização e missão.** São Paulo: Faculdade Batista de São Paulo, 1996. p. 28. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/74425550/Contextualização-e-Missões>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

**COLONIALISMO - conceito, o que é, significado.** Disponível em: <<https://conceitos.com/colonialismo/>>. Acesso em: 24 mar. 2017

DOMINGUES, Joelza Ester; LEITE, Layla Paranhos. **Brasil Colônia e Império:** uma perspectiva histórica. São Paulo: FTD, 19--?

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia historico-teologica da igreja cristã.** Trad: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: 1976. p. 2608

ESPERANDIO, Samuel. **A formação das igrejas da convenção batista do rio grande do sul e os princípios de auto-sustento, autogoverno e autopropagação.** Viçosa: Centro evangélico de Missões. 2001.

EKSTRÖM, Bertil. **História da Missão:** um guia de estudo da história missionária. Londrina: Descoberta. 2001.

FERNANDES, Tomé A. **Igreja, missão e missões:** Rio de Janeiro UFMBB, 2014.

FILHO, Fernando Bartolletto. **Dicionário brasileiro de teologia.** São Paulo: Aste, 2008.

GISEL, Pierre. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. Trad. Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016.

HEYWOOD, Andrew. **Key concepts in politics**. Palgrave: Bristol, 2000

HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo: Vida Nova, 1995

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. Trad. de Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001.

LARA, António de Sousa. **Imperialismo, descolonização, subversão e dependência**. Lisboa: ISCSP, 2002.

LEVINSKI, Gabriel Garcia. **Colonialismo e Neocolonialismo**. Disponível em <<http://portaldeentendimento.blogspot.com.br/2011/09/colonialismo-e-neocolonialismo.html>>. Acesso em 27 mar. 2017.

MBEWE, Conrad. **Insights from the lives of Olive Doke and Paul Kasonga for Pioneer Mission and Church Planting Today**. Carlisle: Langham, 2014. Posição. 1258- 1269. (Ebook Kindle)

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida Nova, 2013.

OTT, Craig. **Plantação global de igrejas**: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação. Curitiba: Esperança, 2013.

PASCHOAL, Piragine Júnior. **Contextualizando a igreja de Cristo**: Igrejas fiéis no mundo de hoje. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

PATRICK, Darrin. **O plantador de igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Payne, J.D. **Discovering Church Planting**. Carlisle: Paternoster, 2009

PLUMMER, Robert L; TERRY, John Mark. **Paul's Missionary Methods**: In His Times and Ours. Illinois: IVP, 2012.

**Quadro comparativo entre o colonialismo do século XV e XVI e o neocolonialismo do século XIX**. Disponível em

<<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/ctpmbarbacena/07022017075915453.pdf>>. Acesso em 27 mar. 2017.

RICHARD, Ramesh. **Training of Pastors**: a high priority for global ministry strategy.

Disponível em: <<https://www.lausanne.org/content/lga/2015-09/training-of-pastors>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANTOS, Eduardo Eugénio Silvestre. **Colonialismo e Imperialismo**, Lisboa, abr 2015.  
Disponível em: < <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1015> >. Acesso em: 24.03.2017

STRAUCH, Alexander. **Biblical Eldership**: an urgente call to restore biblical church leadership. Littleton: Lewia & Roth, 2009.

SUNG, Jung Mo. **Missão e educação teológica**. São Paulo: Aste, 2011

TAYLOR, William D. **Missiologia Global para o século XXI**: A Consulta de Foz do Iguaçu. Londrina: Descoberta, 2001.

TERRY, John Mark; PAYNE J. D. **Developing a Strategy for Missions**: a biblical, historical, and cultural introduction. Grand Rapids: Baker Academic, 2013.

TUCKER, Ruth. “...até aos confins da TERRA.”: uma história biográfica das missões cristãs. São Paulo: Vida Nova, 1996

WINTER, Ralpf D.; HAWTHORNE, Steven C. **Missões transculturais**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

WRIGHT, **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2012.

WRIGHT, **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.